

The book cover features a light blue background with a decorative border of thin brown lines and ornate scrollwork in the corners. Large, stylized illustrations of flowers in shades of brown and gold are positioned around the edges. The text is centered and reads:

Antologia
Coordenação Ainê Pena

Livro
Branco
Autores Contemporâneos

Apena
Editora



Vários Autores

Antologia

LIVRO BRANCO
Autores Contemporâneos

Contos, Crônicas e Poesias

Coordenação: Ainê Pena

1ª Edição

Apena

Editora

Brasília, Brasil
2025

© Vários Autores, 2025
Livro Branco - Autores Contemporâneos, Antologia
Coordenação: Ainê Pena
Revisão textual do próprio autor
Todos os direitos reservados

Site da editora: **www.apena.com.br**

E-mails da editora: contato@apena.com.br
apena.editora@gmail.com

Catálogo na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita por Apena, DF, Brasil)

A634I	Antologia, Vários Autores, 2025 – Livro Branco - Autores Contemporâneos, Antologia / Vários Autores; Coordenação: Ainê Pena. – 1. ed. - Brasília: Edição Apena Editora, 2025. 145 p.; ISBN – 978-65-80029-58-7 <i>(e-Book Apena Editora – Venda Proibida)</i> 1. Literatura Brasileira, Poesia. 2. Contos. I. Antologia. II. Título. CDD: B869.1 CDU: 82-1
-------	--

Índice para catálogo Sistemático:
1. Literatura Brasileira: Poesia (CDD B869.1)
Literatura Brasileira: Contos (CDD B869.3)

**É EXPRESSAMENTE
PROIBIDA A
COMERCIALIZAÇÃO DESTA
ANTOLOGIA**

A distribuição é Gratuita

"Escrever é uma maneira de falar sem ser interrompido."

Jules Renard (1864 - 1910)

Sumário

Ainê Pena.....	10
Aline Andersson.....	13
Breno Cosme.....	15
Celina Pereira	18
Coracy Saboia	21
Davi Augusto PS.....	24
Débora Tauane.....	28
Denilson Silva.....	32
Edebrande Cavalieri	35
Edina de Azevedo	38
Eliz Godoy	40
Graciela Zeballos	44
Gustavo Coscarelli	47
Herlani Moore.....	56
Jorge Eduardo Magalhães	59
Josemar Guedes	62
José Vitor S. Fontinele	64
Karol Costa	67
Karol Neves.....	70
Káthia Gregório	72
Law Lopes.....	75
Manoel Pena	78
Maria de Abreu.....	81
Maria Ignez Biagioni	84
Ma Socorro.....	87

Mirtes Alves.....	89
Nádyá Gurgel	91
Naiker Dàlmaso	94
Odnei Sales	96
Paulo Fernandes.....	98
Potiara Cremonese	101
Renata de Andrade	104
Simone Reis	107
Tatiana Gianordoli	109
Tchello Melo.....	114
Thata Cristina Silva	118
Thay Araújo	121
Trina el Mochuelo	125
Biografias.....	128
Participantes	138
Alguns Depoimentos... ..	142





Ainë Pena

Brasília - DF

Ainê Pena

Presidente, AICLAB

SETEMBRO MAIS UMA VEZ

Mais uma vez setembro chegou
A primavera já dá seu sinal de graça
Mas pela segunda vez, meu pai não está aqui
Mais uma primavera a florescer
Sem que ele possa estar aqui para ver
Dia dezesseis, seu dia de ano
Ele não pode acrescentar na minha vida
Me restando somente o florescer das árvores
Escutar os pássaros cantar
E seguir em frente
Muitas perdas aconteceram nos últimos meses
Minha vó que pouco antes da primavera
Aqui também tinha seu dia
Outras pessoas queridas que aqui
Não estarão nessa nova estação
E eu por minha vez, preciso crescer
Preciso seguir em frente
Viver novamente
E esperar que nesta nova estação
Eu possa criar então
Uma nova etapa na para minha vida
E quem sabe, logo mais
Uma nova geração

Que passará como outras então
De Primavera em Primavera
Até o dia que também nos deixarão
Pedindo uma nova estação
E dando espaço para as novas gerações
Que logo em frente virão.



Aline Andersson

Pelotas - RS

Aline Andersson

NOS TEUS OLHOS ENCONTREI

Nunca pensei que em um simples olhar,
Meu mundo inteiro pudesse mudar.
Mas ali estavam teus olhos, tão meus,
E neles, vi tudo o que sou e serei.

Tua expressão, um mistério que chama,
Uma história antiga que o tempo não apaga.
Um encontro de almas, um fio invisível,
Que une destinos de forma infalível.

Sorte a minha ter ouvido o instinto,
Ter me permitido, sem medo, sem pressa.
E ao te conhecer, senti no peito,
Que eras a peça que faltava em minha promessa.

Agora és parte dos meus momentos,
Do silêncio que acalma, do riso sincero.
És o abrigo nos dias incertos,
És luz na estrada que eu tanto espero.

E peço apenas, ao tempo e à vida,
Que nunca me falte a doce alegria,
De olhar-te nos olhos, sempre encantado,
E amar-te mais, a cada dia.



Breno Cosme

São Mateus - ES

Breno Cosme

SER DE LUZ

Surgiu na minha vida um ser de luz!!!
Luz no qual veio para as minhas noites iluminar.
Onde seu olhar conquista a quem o vê
E seu sorriso simplesmente transparece o seu ser.
Essa luz tem nome e o dom de cativar!
Ana Carolina, minha filha com você sempre vou estar.
Seu sorriso é difícil de não notar.
Me mostra a pureza de uma linda mulher
Com sonhos que irá conquistar.
A gargalhada demonstra a simplicidade
De quem nasceu para brilhar.
Lembro dos momentos que tivemos, detalhadamente.
Sendo em casa, no shopping, na praça ou na praia
Seu amor, seu esplendor e sua delicadeza
Transborda meu coração
Deixando o meu rosto alagado de emoção.
Minha pequena princesa, meu bebê.
Gosto de recordar quando você está a
imitar as pessoas a sua volta
Principalmente quando imita a vovó Elisa, dizendo:
"Ai minhas costas"
Ou quando imita o jinha do papai, é lindo de se vê.
As fotos ficam para recordar
E jamais esquecer o quão feliz você me faz.

Me vejo em seus gestos e nas suas atitudes.
Sei que você é a mistura de seus pais
Porém me atrevo a dizer que você se parece muito com seu pai
Seja sempre essa moleca, esse ser de luz
Minha vida! Meu tesouro!! Meu tudo!!!



Celina Pereira

Brasília - DF

Celina Pereira

AUDIÊNCIA TRUNCADA

Foi na pandemia, quando todas as áreas se reinventaram, entre elas a do Direito. Lúcio, jovem recém-formado e já portador de matrícula na OAB, recebida virtualmente, é claro, passou a estagiar no escritório do tio, Dr. Miguel.

Ia recebendo a cada momento do estágio nova porção de conhecimento e chegou a hora de participar de uma Audiência com provável sustentação oral da defesa. Houve até ensaio prévio.

Naquele dia, chegou cedo ao escritório e posicionou-se para aguardar a chamada. Ocorre que tio Miguel, desconhecendo a ordem de chamada, sugeriu, e já iniciou imediatamente a colocar em prática, a mudança do estagiário para outra sala. Exatamente neste instante ocorreu a chamada e o vazio na tela no lugar em que deveria estar o advogado de defesa.

- Dr. Lúcio!... Dr. Lúcio!

Houve algumas chamadas até que nosso advogado estagiário conseguiu posicionar-se, abrir o computador e ver sua imagem subindo na tela e cobrindo o vazio. O Juiz, aliás, o Ministro, no caso, dirigiu-se a ele, solicitando uma posição sobre o Voto. Vagamente Lúcio se ouviu justificando o atraso com a menção de falha na conexão e pediu que fosse repetida a posição já apresentada.

A Audiência seguiu, não foi necessária a sustentação e o escritório saiu-se vencedor. O caso passou a fazer parte do anedotário da empresa, sempre repetido para os novos advogados, com o lembrete de estarem sempre bem preparados para o inesperado.

Lúcio, hoje funcionário público, trabalha – coincidência interessante - no Tribunal onde ocorreu aquela Audiência – na época de forma virtual. Ao passar pelo Auditório onde hoje se realizam os julgamentos, lembra do ocorrido com um certo sorriso acompanhado da lembrança de um embaraço superado e o desejo de sempre evitar a repetição desse modelo de surpresa.



Coracy Saboia

Rio Branco - AC

Coracy Saboia

O PAPEL DO PERDÃO NA CURA DAS "DOENÇAS DA MEMÓRIA"

Manoel Coracy Saboia Dias

Em *Le pardon peut-il-guérir?* [O perdão pode curar?] e *Sanction, réhabilitation, pardon* [Condenação, reabilitação, perdão], ambos publicados em 1995, e *La mémoire, l'histoire, l'oubli* [A memória, a história, o esquecimento], publicado em 2000, *Paul Ricœur* (1913-2005) explora a relação entre *memória, esquecimento e perdão*. Ele acredita que o perdão pode desempenhar um papel crucial na cura das "doenças da memória", a partir de algumas ideias centrais, a saber:

Trauma e Vulnerabilidade: As noções de trauma, ferida e vulnerabilidade fazem parte da consciência comum e do discurso cotidiano. Esses conceitos estão ligados à experiência humana e à memória. O perdão emerge desse contexto sombrio, onde feridas e traumas residem.

Memória e Esquecimento: a memória não deve ser entendida apenas como um olhar para o passado. *Ricœur* (rejeita uma compreensão estanque da memória. Em vez disso, o filósofo propõe uma visão fenomenológica do tempo, onde o passado se entrelaça com o presente e o futuro. O perdão não é apenas retrospectivo. Ele também afeta nossas expectativas futuras.

Espaço de Experiência e Horizonte de Espera: *Ricœur* utiliza os conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de espera”, propostos por *Reinhard Koselleck* (1923-2006) em *Futuro passado*, publicado em 1979. O espaço de experiência refere-se às heranças e traços sedimentados do passado, enquanto o horizonte de espera aponta para o futuro. O presente vivo atua como um intermediário entre esses dois domínios, conectando memória e expectativas.

O Papel do Perdão: O perdão não é apenas uma questão de olhar para trás e liberar ressentimentos. Ele também molda nossa visão do futuro. Ao perdoar, redesenhamos nossa memória e nossas esperanças, criando um espaço para cura e transformação.

Em suma, *Ricœur* argumenta que o perdão não é apenas uma questão de reconciliação com o passado, mas também uma forma de curar as feridas da memória e moldar nosso futuro. Ele nos convida a considerar a complexidade da relação entre passado, presente e futuro, e a reconhecer o poder transformador do perdão.



Davi Augusto PS
Santa Terezinha de Itaipu - PR

Davi Augusto PS

QUANDO O VIVER VIRA ARTE

A infância é cheia de encantos, histórias e descobertas. E passa rápido, como todos dizem. Os Tribalistas tiveram uma infância especial, onde todos viviam juntos uma realidade que misturava o que era real com o que parecia sonho. Era uma família diferente, com pai, irmãos, filhos, tio e sobrinhos convivendo como se fossem do mesmo tempo. Até o patriarca, o único adulto na época, parecia mergulhado naquele universo infantil.

Os Tribalistas eram Guto, Dadá, Kassinho e Kawai. Mais recentemente, surgiu Lelé.

Ele nasceu quando o mais jovem do grupo estava terminando a adolescência.

Para Guto, o patriarca, foi uma chance de viver a infância de um jeito novo, junto dos meninos. Era algo que ele mesmo não teve: uma infância com presença paterna e cheia de aventuras.

Com o tempo, os Tribalistas foram crescendo. A vida adulta chegou, e com ela vieram outras exigências. Coisas da vida: contas, decisões, cansaço. Aos poucos, o brilho da fantasia foi se apagando.

Guto sentia que havia cumprido bem sua missão como pai durante a infância e adolescência dos filhos. Mas então surgiu a dúvida: como ser pai de adultos?

Essa pergunta trouxe outras: como ensinar o que não se viveu? Como guiar numa fase da vida que, para ele mesmo, não teve espelhos?

Algo também se tornou evidente: entre os Tribalistas, havia traços de neurodivergência. Isso ajudou a entender muitas coisas: por que ele sentiu desde cedo que precisava estudar sobre educação e comportamento, por exemplo. E por que a entrada dos meninos na fase adulta trouxe tantos desafios inesperados.

Mesmo sem todas as respostas, uma coisa sempre esteve presente: a criatividade.

Cada um, ao seu modo, segue sendo criativo, seja guardando isso por dentro, seja colocando no mundo.

Na infância dos meninos, Guto se apoiou no estudo, nas pesquisas e nos livros.

Agora, sente que talvez seja a arte, especialmente a escrita, o novo caminho para se reconectar com o que foi perdido. Não se trata da arte de escrever palavras vazias, mas da arte de viver as complexidades de si, do outro e do mundo, com sensibilidade também ao que é invisível. E transformar isso em palavras, palavras que vão além dos códigos gramaticais e ressoam na alma humana. E o contrário também: viver de modo que cada momento seja digno de poesia, viver sendo, ele próprio, uma forma de arte.

Com Lelél, o mais novo, algo diferente aconteceu. A sua chegada coincidiu com um momento difícil: um luto profundo vivido por sua mãe. A escrita foi um jeito de atravessar aquela dor, e também de deixar registrado para o próprio Lelél o momento em que ele chegou, com suas luzes e sombras. Assim, a história dos Tribalistas enquanto arte, começou a ser escrita e vivida.

Guto sabe que está vivendo outro momento. Já não é o mesmo pai encantador de antes. Mas sente que pode reencontrar esse papel de uma forma diferente. Acredita que será a arte a guiá-lo nesse caminho. Talvez, agora, não precise tanto da razão.

Talvez seja o tempo de permitir que a arte revele, aos poucos, aquilo que é essencial.

Assim como sua própria infância foi reconstruída ao mergulhar na infância dos Tribalistas, este pode ser o momento de religar a criança reconstruída ao adulto que busca plenitude.



Débora Tauane

Alagoinhas - BA

Débora Tauane

UM AMOR IMPOSSÍVEL

Como passe de mágica, um crush inesperado apareceu de forma virtual. E indo direto ao ponto disse: Quer namorar comigo?

Entre o véu tênue do digital e a alma nua, um turbilhão de emoções me assolava. A dúvida, uma sombra insistente, pairava sobre a autenticidade daquele amor virtual.

Como vocês sabe o Mundo virtual nem sempre é confiável.

Ela não entendia de amor, nunca havia sentido antes. Mariana dizia: Amizade. E ele insistia: Quer namorar comigo? Bem não era exatamente com essas palavras. Mesmo sabendo que é impossível ele não parava. Talvez ele tivesse esperança de que aquele sentimento florescesse no coração da sua amada ou que algum dia o que podia ser relacionamento virtual pudesse se tornar relacionamento na vida real.

Amor impossível de acontecer, mas como dizem " A esperança é a última que morre".

Depois de muita insistência e muito pensar finalmente ela respondeu de forma definitiva:

- Não sei o que é amor e não estou pronta pra um relacionamento.

Rapidamente, sem perder tempo ele perguntou novamente:

- Você quer namorar comigo?

- Desculpa magoar seu coração, mas só amizade. Não quero te iludir com algo que sei que é impossível de acontecer, Mariana respondeu.

"Quer namorar comigo? "A pergunta ecoava em seu íntimo, um mantra repetido em vão. A esperança, frágil como um castelo de areia, desmoronava diante da realidade. O amor, esse enigma indecifrável, lhe conduzia por um labirinto sem saída. E no fim, restaria apenas a saudade de um sonho que jamais se concretizaria."

"A esperança é a última que morre" pensava ela em seu íntimo. Entendendo agora o significado dessa frase.

- Quer namorar comigo?

Novamente respondeu, questionando seu crush:

- O que você sente é realmente amor?

Enquanto ele pensava, ela fazia o mesmo e na sua mente palavras aparecia em formas de versos de poesia o que ela conhecia sobre o amor.

No olhar felino, a sabedoria ancestral,
Em cada ronronar, um canto celestial.
Sob o sol da tarde, a miar no meu colo.
Alegria e conforto, em cada instante,
Com minha gata, a vida reencanta.
Marie, a rainha do meu coração,
com seus olhos doces como mel
e seu ronronar suave".

Amor é isso, um sentimento de companheirismo. É conseguir lidar com as diferenças, é se completar em cada olhar. Resumindo é uma Aventura diferente. Mas gostoso de se viver. Você não ver, porém sabe quando sente. Como diz um verso de Camões: "Amor é fogo que arde sem se ver". Dessa vez foi ela que insistia na mesma coisa:

- O que você sente é realmente amor?

Ele sem nem pensar e com muito amor da sua parte disse: "Eu amo você"

Essa frase tão singela lhe deixou sem palavras. Ela não esperava por essa resposta. Queria acreditar nele, mas a sombra da dúvida ainda pairava sobre ela. Como poderia confiar em alguém que só conhecia através de uma tela? Ela não podia. E mais uma vez disse: Só amizade no momento, lhe deixando apenas esperança de que algum dia as coisas pudessem mudar.

E assim como um sonho terminou a história de um amor impossível.



Denilson Silva

Sobral - CE

Denilson Silva

A MALDIÇÃO DE BOA VISTA

O dia 02 de novembro amanheceu ensolarado. O sol, que despertava preguiçoso, lançou sobre o pequeno distrito de Boa Vista seus primeiros raios. Contudo, não havia ninguém para acordar com o canto do galo. Todos que conheciam a bizarra história estavam escondidos. Amaldiçoando sua sorte. Todavia, não tinham muito tempo. Quando o sol estivesse alto, ele viria para lembrá-los dos seus crimes por um assassinato de 10 anos atrás.

Eram oito horas quando Henrique Martins avistou Boa Vista ao longe.

Estava a pé e trazia nas costas uma bolsa com produtos de limpeza para vender. Um crucifixo chamou sua atenção e ele parou para se benzer. Estava coberto pelo mato seco à beira da estrada. Assim que chegou ficou um pouco decepcionado com o que viu. Sabia que era uma comunidade simples, mas aquilo era muito precário. Havia poucas pessoas nas ruas. Alguns cochichavam entre si balançavam as cabeças negativamente. Ao se aproximar, cumprimentou com um bom dia caloroso às senhoras no alpendre. Elas não responderam e continuaram sentadas nas cadeiras de balanço. E, sentindo uma energia incomoda, não falou mais nada e continuou andando. "Mas que diabos mordeu aquelas velhas?" pensou ele. Mais adiante, Henrique bateu gentilmente numa porta. Enquanto esperava alguém vir recebê-lo, escutou uma movimentação estranha na casa. "Tião, leve as crianças para a

cozinha agora; mas mãe, eu quero vê; obedeça a sua mãe, menino, venha.” Aquilo o deixou desconfortável. A parte de cima se abriu revelando uma jovem mulher. Seus olhos estavam com um aspecto triste e sua pálpebra direita tremia sutilmente.

- Bom dia, minha senhora. Não vou tomar muito do seu tempo. Me chamo Henrique Martins. Sou um humilde vendedor. Tenho muitos produtos de limpeza de boa qualidade. A senhora gostaria de dar uma olhada sem compromisso?

- Agradeço a oferta, mas não precisamos.

- Tem certeza? - insistiu. - Não vai achar outro de qualidade assim. - Neste momento, ele viu um garotinho nos fundos observando a mãe. Quando Henrique sorriu para ele, o pequenino foi puxado e uma voz trovejou: “Eu mandei você não ir; Mas pai...” interrompeu chorando ao receber uma chinelada.

- Tenho certeza - enfatizou. Ela fechou a porta sem dar chance de Henrique responder. E assim ele seguiu, batendo de porta em porta sendo ignorado. Recebera muito “não” na vida, mas ali as pessoas nem se davam ao trabalho de escutá-lo. “Que mal fiz para aquelas pessoas?” Quando as primeiras estrelas apareceram uma a uma no céu, ele decidiu que estava na hora de partir. As mesmas mulheres ainda estavam no alpendre. Henrique notou de canto de olho que olhavam para ele. “Pro inferno, todos vocês!” Assim que passou pelo crucifixo na estrada, percebeu que ostentava uma vela posicionada de forma ritualística e seus braços tinham coroas de flores. Sob a luz trêmula da vela, tentou enxergar as palavras, mas identificou apenas que começava com “H.” Voltou para a estrada e seguiu caminhando até desaparecer na escuridão sem perceber a sina que carregava.



Edebrando Cavaleri

Vitória - ES

Edebrande Cavalieri

CÂNTICO AOS AMORES

O que seria da vida sem amores?
Não o amor singular
Que é uma forma de arriscar viver na língua
Ou das migalhas que caem da vida.
Não um amor que desandou,
Que desdenhou,
Que acreditou ser tudo,
E se perdeu nos desvios e nos atalhos.

Hoje quero cantar a todos os amores!
Desde aquele que nem bem nasceu foi-se,
Mas deixou um aroma gostoso.
Aquele que do nada surgiu,
Pouco se agarrou na vida;
Evaporou-se no caminho da aventura.

Quero cantar o amor que mais durou
E também se foi
Porque se perdeu na estrada do tempo,
Na sedução dos outros aromas
Esquecendo-se que tinha um aroma muito especial.

Foram tantos amores!
Cada um com seu aroma,
Cada um no seu tempo.

Alguns morreram entre rancores
E foram enterrados no esquecimento.

Os grandes amores duram o tempo que for possível.
Marcam os corpos e os espíritos.
Os grandes amores não morrem,
Apenas se deslocam para outras paragens.
São verdadeiros em seu tempo,
E valem muito mais que um alento,
Pois são feitos de puro carinho,
Cuidado,
Entrega e prazer.

Aos amores sempre cantemos
Pois assim nos tornam eternos.



Edina de Azevedo

Porto Velho - RO

Edina de Azevedo

A VIDA COM CARINHO

Há momentos que ficamos pensativo achando que o mundo está estranho.

Que mundo é este cheio de tantas divergências.

Divergências que tudo parece que não acabará, mas são apenas coisas passageiras que digo se acabam, temos que confiar no nosso Deus que tem um potencial energético maravilhoso que transforma corações.

Esta transformação faz com que cada um reflita melhor e aumente sua fé.

Fé com transformação acontece e é forte temos que acreditar para nossa modificação acontecer.

Tudo no seu tempo com grandes maravilhas pois temos um Deus que faz tudo de bom em nossas vidas.

Agradeço infinitamente a força, coragem para vencer todos os obstáculos que estou passando em minha vida, mas tenho fé estarei vencendo todos, confio em Deus e tudo passara.



Eliz Godoy
Arujá - SP

Eliz Godoy

E VAMOS SEGUINDO...

E vamos seguindo, falando em perdas. O ano começa e, junto com ele, vêm os vazios.

Faltam pessoas. Faltam datas no calendário.

Datas para rir, para comemorar, para abraçar e contar boas histórias vividas.

Um dia, ela entrou no meu escritório.

Era ainda uma menina, assustada, procurando respostas e conselhos. Fora indicada por minha irmã para sanar dúvidas e encontrar um pouco de alento. Desde aquele dia — há mais de trinta anos — nossas conversas foram sobre tudo. Nossa amizade cresceu devagar, mas firme, cultivada em cada prece, em cada viagem, em cada mensagem trocada.

Há cerca de um mês, ela me ligou para tirar dúvidas jurídicas.

E, como sempre, me chamou de “doutora” — mania antiga, que nem mesmo nossa intimidade desfez. Conversamos, rimos, trocamos desejos de felicidades e nos despedimos com alegria, como sempre foi entre nós.

De repente, um dia, olhando as redes sociais, vi a notícia: estava internada, sob cuidados médicos.

Mandeí mensagem, desejei pronta recuperação. Acreditei. Esperei.

Era domingo cedo. Eu pensava em quando iria desmontar os enfeites de Natal espalhados pela casa, quando, por impulso, abri novamente a rede... e lá estava: a notícia da sua partida.

Ah, minha amiga...

Quantas conversas nossas ficaram ecoando na memória.

Quantas gargalhadas presas no escritório que ninguém mais entendia.

Quantas orações trocadas, pedindo aos santos por nós.

Quantos cigarros apagados jurando ser o último, até que, enfim, conseguimos nos livrar desse vício.

Por um instante, fechei os olhos e lembrei das suas visitas à minha casa.

Das massagens capilares que só você sabia fazer.

Das dores que suas mãos habilidosas arrancavam com tanto carinho e fé.

Quando você descobriu a doença que tem levado tantas pessoas a sofrer, nós conversamos.

Em algum momento, senti que você estava desistindo...

Preferi não comentar, não queria inspirar desânimo. Falei de assuntos jurídicos, tentando trazer leveza, mas no fundo, percebi: você estava cansada.

E eu, tola, acreditei que ainda teríamos tempo.

Tempo para estarmos juntas.

Tempo para rir mais.

Tempo para lembrar das amigas, reclamar da juventude, planejar viagens e olhar o mar, como sonhamos tantas vezes.

Mas o tempo não veio.

Sua partida foi infame, desavisada, repentina — tão estabanada quanto você era.

Ainda assim, você permanece comigo.

Na adaga abridora de cartas que me trouxe “lá da terrinha”.

Na imagem de Jesus, Maria e José que me deu de presente, com tanto carinho, em um aniversário.

Na sua voz ardida que ainda escuto chamando meu nome, ao telefone, na escada, na biblioteca.

Mas, minha amiga... não posso mais te abraçar.

E como dói.

Até as palavras machucam, por isso resolvi calar.

Não queria ferir, nem sofrer mais.

Só imaginei que teríamos mais tempo...

Hoje, só me resta pedir ao céu que te receba com todo carinho.

Que, no plano espiritual, você não precise mais se preocupar com este mundo.

Que possa, enfim, olhar para si e perceber quantas coisas boas você fez, quantas sementes de amor deixou espalhadas, quantas vidas tocaram sua presença.

Que Deus a abençoe.

E que um dia, quando Ele permitir, a gente possa se reencontrar.



Graciela Zeballos
Maldonado, Uruguay

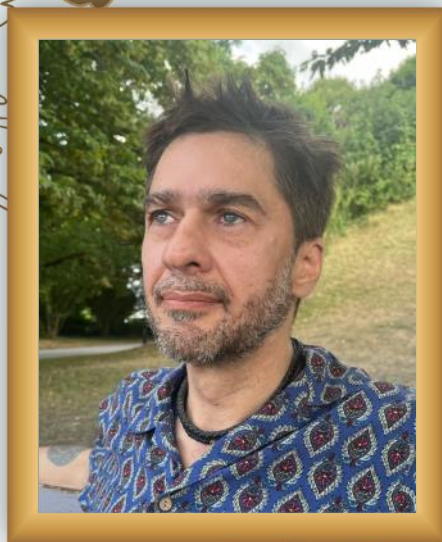
Graciela Zeballos

ANGELES CELESTIALES

Cada dia de mi vida
Se convierte en fiesta y alegria
Cuando siento cesca mio
Como una leve brisa
Es una caricia sutil e inigualable
Es un coro de Angeles Celestiales
Los reconozco claramente
Son dulces y magicos contos celestiales
Que me llegan
Son permitidos por la Divinidad
Ellos se ponen junto a mi
Para asi acompañarme y estar
junto al sonido de mi
cuenco de cuarzo blanco

Es un regalo del cielo
Se logra una fusion sagrada
Nos unimos con pura energia
Todos aqui, en una sola voz
Angeles clamando celestialmente,
desde un plano dimensional
Yo solo, un vehiculo
Soy una simple mortal,
tocando un instrumento dimensional

Una bendicion
Que solo pocos por Gracia Divina
se nos permite acceder
Vamos dejando resplandecientes
estrelas de luz
que llegan, tengo fé a
cada rincon de la Humanidad
Llenando cada corazón de luz,
fuerza, sanidad, alegria,
esperanza, abundancia,
amor y paz
Gracias
bellos angeles
por visitarnos y darnos
esa bendición.



Gustavo Coscarelli

Paris, França

Gustavo Coscarelli

ARS MUSICAE

Antes da bíblia, do grito, do verbo
já se soprava em ossos de pássaros.
Não era prece, nem pedido,
era flauta.
Aurignacianos, sem saber,
tocavam sinfonias para o escuro.

Vieram os tambores,
batucando peles e medos,
coagulando o tempo em compasso.
Veio a dança pintada em caverna,
o batuque que moveu a pedra
e a alma (se isso existia).

Muito antes do fiat lux,
já se cantava.
E talvez deus não tenha dito nada —
só assoviou um tema em modo menor.

Os neandertais, segundo consta,
tinham ritmo.
É possível que se apaixonassem
por meio de uivos sincopados.
Darwin, meio surdo, mas esperto,
achou que música servia

pra seduzir,
e não é que serve?

Bebês batem palmas sem saber por quê.
Pássaros flertam em falsete.
Gorilas dançam quando chove.
O que mais você quer como prova?

Escrevemos partituras em argila.
Inventamos escalas, ragas,
estrofes, árias e autotunes.
Platão desconfiava do tom menor.
Schopenhauer preferia Wagner.
No fundo, ambos queriam silêncio —
mas com trilha.

A música, dizem, é universal.
E é verdade:
ninguém escapa dela,
nem mesmo no elevador.

Os povos dançam, rezam, casam,
marcham, transam, enterram,
sempre ao som de algo.
Se não tem música,
o ritual é fraco, o gozo é morno,
o luto não pega.

E enquanto isso,
o maestro amigo me sopra entre goles:
"Gosto não se discute,
aprimora-se".

E aprimoramos.

Mas uma coisa é certa:
deus não existe.
Existem as Deusas,
e a sublime, sagrada,
arte das musas.

SACRA VETITA

Muito antes da pressa e do trânsito,
a flor já florescia.
Ali por volta de 10.000 a.C.,
na Ásia que viraria China ou Mongólia,
já se colhia maconha com respeito.

Era comida,
era corda,
era papel de oração.
E quando a dor apertava,
vinha a cura:
insônia, inflamação,
desassossego —
tudo tratado com flores e serenidade.

Shen Nung, imperador e herbalista,
assinava a receita:
a flor alivia.
O tetra hidro *canabidiol*,
esse nome longo e honesto,

já fazia milagres antes de ser proibido.

Na Índia, virou sagrada.
O *Atharva Veda* a chamou de amiga.
Nos rituais, surgia no *bhang*,
bebida que subia suave,
acendendo a mente sem apagar o corpo.

Sitas no deserto,
inalando fumaça como quem invoca o tempo.
Na África,
era consagrada em tambores e curas.
E entre o Oriente e o Norte da África,
surgia o *hax*:
resina da flor,
concentrado da calma,
brasa ritual,
toque direto no pensamento.

Depois, Europa.
Idade Média,
idade da corda — de cânhamo.
Velas de navio,
camisa de camponês,
e papel onde se copiava
verso, lei e pecado.

Nas Américas, atravessou o oceano
com os colonizadores.
Foi cultivada, estudada,
e usada até por figuras ilustres
que hoje estariam presas.

No século XIX, era remédio.
Encontrada nas farmácias,
curava espasmos, acalmava mentes,
e ajudava artistas a escutar a cor azul.

Mas aí veio o século XX,
e com ele o medo.
Nos Estados Unidos,
a maconha virou alvo de racismo travestido de moral.
Campanhas, filmes toscos,
leis moldadas por preconceito e interesse.

O *Marihuana Tax Act* de 1937
foi mais censura que imposto.
Convenções internacionais seguiram o coro:
proibir uma planta
pra manter um sistema.

E assim,
a flor foi empurrada para a sombra,
não por seus males,
mas por sua liberdade.

Só que ela continua.
Maconha não grita.
Age em silêncio.
Aguça os cinco sentidos
— e talvez um sexto —
acalma sem apagar,
inspira sem iludir.

Afia a escuta,
desacelera o excesso,
abre espaço pra criatividade
como quem abre uma janela num quarto fechado.

Não entorpece —
desperta.

Proibir maconha é temer o que não se controla.
Manter a proibição é dar lucro a quem vende o caos.
É ignorância de terno,
ganância de farda,
e hipocrisia com bíblia na mão.

Enquanto isso,
a flor e sua resina pensam.
E quem as respeita,
pensa melhor.

SÓ AQUELE QUE NÃO EXISTE DESCANSA NO SÉTIMO DIA

Domingão de sol, daqueles que fariam deus calçar sandálias de couro e sair por aí sem pressa — se ele tivesse pés. Aproveitei para dar uma volta no *marché d'Aligre*, onde os legumes conversam entre si e o peixe ainda tenta escapar da banca.

Mal dobrei a esquina, dei de cara com um homem vestido como se a eternidade tivesse lhe avisado que hoje era o último ensaio geral: terno preto, barba tão extensa quanto o

exílio babilônico, cabelo espiando pelas orelhas como quem já perdeu a esperança de redenção, e um chapéu com abas grandes o suficiente para sombrear uma dúvida teológica.

Mais adiante, num restaurante mexicano, duas freiras engoliam tacos fálicos com a concentração de quem recita salmos. Entre mordidas e murmúrios, perguntei-me se aquilo era comunhão ou só a gula disfarçada de hábito.

Na feira, uma mulher — óculos escuros Prada e o corpo todo coberto — lembrava o *Barbouille*, aquele personagem coberto de tinta. Só que, aqui, a tinta era doutrina. Religiosa? Cultural? Climática? Vai saber. Em Paris, até o mistério tem passaporte europeu.

E foi ali, entre alcachofras e argumentos celestiais, que as perguntas começaram a me visitar como pombos teólogos: se deus prometeu proteção, por que os seus escolhidos vivem fugindo? Se é onipotente, por que não levanta a pedra da dor alheia? Se é justo e misericordioso, não estaria jogando com cartas marcadas?

O problema da fé é que ela se alimenta de silêncio e dá de beber o invisível. E o problema do silêncio é que ele costuma ser confundido com resposta — quando, às vezes, é só silêncio mesmo.

A Torá exige intenção, o Alcorão pede submissão, a cruz promete salvação — e todas essas estradas se cruzam num mesmo labirinto: como obedecer cegamente e ainda assim refletir? Como esperar milênios por um Messias e continuar acreditando que ele não está apenas atrasado, mas que virá?

E, enquanto as perguntas se acumulavam como folhas não varridas no outono, percebi que ninguém ali parecia muito interessado em responder nada. A vendedora de tomates sorria, o açougueiro cortava como quem corta há séculos, e até

o homem de terno caminhava como se vestisse a dúvida com orgulho.

Afinal, talvez as religiões nunca tenham sido sobre deus, mas sim sobre o medo humano de encarar o vazio — uma criação nossa, disfarçada de transcendência, que ao invés de unir, divide, impõe e mata. Um câncer milenar que veste a máscara do sagrado para justificar controle, culpa e guerra — e, no fim, só serve para dar ao caos um verniz de sentido.

Pode deus ser uno e, ainda assim, três? Pode ser amor e punir eternamente? Pode exigir fé e ainda assim cobrar provas? Pode tudo, dizem. O que ele não pode, aparentemente, é nos deixar em paz com nossas contradições.

E então, antes de voltar pra casa, passei novamente pelas freiras, que conversavam em espanhol. Uma delas me olhou como quem reconhece um apóstata cansado, mas sorriu — com um olhar sedutor e a boca suja de molho picante. Ganhei o dia.

Porque, no fim, uma coisa é certa: o homem criou deus à sua imagem e semelhança, e adorou-o.

Só aquele que não existe descansa no sétimo dia.



Herlani Moore

Itaparica - BA

Herlani Moore

A FLOR DO IPÊ

Ipê, ipê amarelo
Tão belo e tão singelo
Ipê que cantarola
A cada vento Yellow

Ipê sempre crescendo
Em cada campo;
No meio do jardim
Nas calçadas; Flores de beleza sem fim

O Ipê limpa a visão
E é cura da inflamação
Sua flor é comestível
E tem cores de Verão

O amarelo do ouro
O roxo da magenta
A branca que simboliza
A Paz que nos alimenta

Ipê nosso Ipê
Do Amazonas ao Chuí
Nos prados e serrados
Encantado os terraços

Fica tatuado na alma
As lembranças da infância
Nos tapetes macios de flores
Que nos encham de Esperança.

I mponente
P erene
E xcelente



Jorge Eduardo Magalhães
Rio de Janeiro - RJ

Jorge Eduardo Magalhães

CARTA HUM

Meu querido,

Não te conheço pessoalmente, mas você vive em meu coração. Li nos jornais como você assassinou aquelas mulheres, todas da mesma forma, estrangulando-as, mas que poético. Imagino pescoços arroxeados daquelas privilegiadas que a imprensa cruel denominou de “suas vítimas”.

A imprensa também inventou-lhe a perífrase de “O maníaco dos pescoços alvos”, devido ao fato de você ter predileção por mulheres bem claras e de cabelos negros. Que injustiça! Você proporcionou a todas aquelas mulheres e infelizes a maior prova de amor que um homem pode nos dar: um desfecho tão idílico.

Tenho a sensibilidade para perceber que, durante tão bela ação foi, na verdade, um ato de amor, um ato de um homem apaixonado. O que muitos psiquiatras e outros especialistas chamam de um sentimento mórbido, interpreto como a iniciativa mais linda que você pôde ter feito. O que chamam de “suas vítimas”, para mim, foram “suas contempladas”, que tiveram o privilégio de fazer suas passagens, através de suas mãos lindas e fortes.

Meu tipo físico é o mesmo de suas “contempladas”: tenho todos os recortes de jornais sobre você, meu “maníaco dos pescoços alvos”. Enquanto a polícia estava à sua procura, imaginava como você era e suspirava só em pensar como seria

o nosso encontro e imaginava-me contemplada pelo seu tórrido ato de amor.

Quando você foi pego, meu coração bateu forte ao ver a sua foto no jornal. Que homem lindo! Você foi descoberto antes de cumprir sua missão final, dar-me a sua prova de amor. A polícia o prendeu antes do nosso encontro, nossa primeira e última vez, a qual você me proporcionaria o maior êxtase da minha vida, ou melhor, do meu processo de passagem.

Agora está em uma imunda cela, isolado de todos e de tudo, escrevo-lhe esta carta, que espero que chegue a suas mãos. Quero encontrar uma forma de poder visitá-lo. Quem sabe ajudá-lo em uma fuga? E quando estivermos a sós em um quarto fétido e barato, você apertará o meu pescoço, meus olhos se revirarão, meus membros se debaterão, até eu ficar totalmente inerte, com os olhos esbugalhados, a boca escancarada e o pescoço com hematomas arroxeados. Enquanto isso não acontece, vou escrevendo-lhe. Esta é a primeira de várias cartas que irei enviar.

Ps: Te amo!



Josemar Guedes

Recife - PE

Josemar Guedes

SOPRO SUPRAPESSOAL

Um sopro de vida misterioso
condiciona o ser a eternizar.
Um virgem olhar ante um mundo espantoso,
aprendiz do respirar, do andar...
Nascimentos de relações,
coexistência de culturas, de gerações...
Falecimento da vida na escravidão,
interior em fragmentação...
Desequilíbrios em desdobramentos...
"sub-ob-jetivos" enfrentamentos,
na história têmporo - espacial.
O "logos" intemporal...
desvela o divino na encarnação,
na busca por uma humanidade em desorientação,
aflição, exaustão...
Por uma comunidade "re-conciliada",
em novos "re-lacionamentos"...
em variedades de crescimentos...
numa formação intencionada integral,
interminada... como tal.
Sopra o vento original, sem origem, sem aparente direção...
pra libetação de seres outros... sem o sopro...
da nova criação.



José Vitor S. Fontinele

Teresina - PI

José Vitor S. Fontinele

POR ONDE ANDA O CORVO?

“Aos fatos simples que circundam nossas vidas, quando lhes damos uma roupagem que não retiram sua essência, tornam-se tão fantasiosos como se de fato os fossem”

Um notável pássaro era visto com frequência sobrevoando, serenamente, os céus sob o qual aqueles que um dia compartilharam com ele do mesmo plano físico também pousavam. No entanto, estando hoje mais abaixo do que se pode devanear, repousam, formidavelmente, dentro de suas sepulturas e criptas, sendo-lhes a ave negra em sua calmaria e exercendo a sua função de vigilância, o único visitante das madrugadas desses que se encontram debaixo da terra, recepcionando com seus status de silêncio e quietude como uma forma de respeito e acatamento às ordens de quem está realizando as sentinelas da noite pelos ares do que para muitos é considerado um lugar mórbido por ser onde, pavorosamente, a vida é arrematada. Consumando, assim, a ausência quase que definitiva da existência material depois de um processo degradante que consome os corpos, paulatinamente, tornando-se apenas farrapos, ossos e caveiras antes de se confundirem com o próprio pó.

Curiosamente, quando do sino da igreja se ouvem sete badaladas, a ave, astuciosamente, retorna ao seu lugar original, o cruzeiro. Nesse, perdura, até se recompor dos

desgastantes sobrevoos de reconhecimento, designando com eficiência e presteza o ofício que exerce, instintivamente, o que sua natureza animalesca exige, e, aparecendo, imprevisivelmente, quando um cortejo fúnebre ao passar pela entrada de seu habitat anuncia a chegada de mais um hóspede que, mais tarde, a ela recepcionará, juntando-se à compacta massa de seres findados em suas derradeiras moradias. Inquilinos da noite sob a qual prepondera como senhor alado, guiado pela sublime luz imergente na escuridão das noites infindas, o corvo a cujo próprio nome crocita “Nunca Mais”.



Karol Costa
Campo Grande - MS

Karol Costa

Diretora de Projetos, AICLAB

EQUILÍBRIO

Quantas vezes você parou para pensar qual é seria o significado de estar em equilíbrio? Ou melhor, de que forma você seria capaz de alcançá-lo. Para que seja possível alcançar o equilíbrio é necessário que você faça a tríade esteja em harmonia (espírito, corpo e mente) e se alguém tentar vender a ideia da receita perfeita repense se realmente faz sentido.

Uma coisa que deve ter em mente é que tudo que vem fácil, vai da mesma forma, pois se analisar friamente é bem provável que custe algo muito caro a você. Pense: Estou disposto a “pagar o preço” a qualquer custo? O que será que isso vai me custar? Minha paz? Minha saúde? Minha sanidade? Minha liberdade? Minha família? Minha vida?

Quantas vezes você buscou incansavelmente pelo equilíbrio? Será mesmo que buscou no lugar certo ou simplesmente quis que alguém te desse essa sensação?

Pois bem, para encontrar o equilíbrio trata-se de uma viagem incrivelmente interna, isso mesmo, nada de fugir por meio de uso de coisas que poderiam entorpecer seus sentidos e sucumbir aos prazeres temporários. Essas coisas, nada mais são do que distrações que fazem com que se afaste daquilo que merece.

De que forma você alimenta o seu espírito? Você o fortalece ou o enfraquece? Está rodeado de pessoas que possuem bons hábitos? Poderia me questionar, mas o que o outro interfere na minha vida? Então, vai chegar um ponto em

que você estará fazendo o mesmo que eles, ainda mais quando a vontade de pertencer um lugar a qualquer custo fala mais alto do que você realmente acredita e quer para si.

Isso não quer dizer que é uma regra, mas ao levar em conta os estudiosos da área comportamental no qual diz: você é resultado da convivência das pessoas mais próximas. Dito isso, atente-se com quem compartilha a sua vida.

Quantas vezes você acreditou que continuar caminhando da mesma forma poderia te trazer resultados diferentes não é mesmo, mas na verdade continua levando ao meu lugar consequentemente o ciclo sempre se repete. Então, quando você começa a enxergar que a busca do equilíbrio é olhar para si, rever de verdade tudo aquilo que você aceita mesmo sabendo que te faz mal.

A partir do momento em que você realmente enxerga que deve tirar de sua vida tudo aquilo que te causa dor física, mental, as coisas vão fluir de uma forma totalmente diferente e com certa leveza. Nada que tire sua paz vale a pena, bem como aquilo que causa insegurança e te faz ficar doente. A vida é curta demais para se sujeitar as coisas e as pessoas que querem apenas o que melhor se pode oferecer, mas nada a retribuir.



Karol Neves
Taboão da Serra - SP

Karol Neves

VIOLETA

Não és trevo ou cravo, mulher
És violeta resistente e risonha
Que com sua reserva e vergonha
Pode ser e sonhar o que quiser

Suas pétalas com a cor da intensidade
Me cercam e rompem de verdade
Eu vejo os olhares que encarceram
E ouço os horrores que disseram

Em suas mãos as pedras viram poeira
Porque são fracos e injustos
As acusações antes certas
Se tornam prazeres reclusos

Flor que se transforma, revive
Não tenha vergonha de sua caminhada
Porque essa longa e dolorosa jornada
É o que logo te tornará livre

Não se assuste, erga a cabeça violeta
Está na hora de crescer
Mas antes me responda com certeza:
Quantas vezes morreste para florescer?



Kátia Gregório

Rio de Janeiro - RJ

Káthia Gregório

PONTO FINAL

O céu nosso de cada dia
diariamente nos apresenta,
através de suas cores,
as páginas individuais
do livro da vida.

Através desta obra divina,
o amanhecer sempre antecipará
como dar-se-á o início, o decorrer
e o fim do dia.

Exemplar de páginas limitadas,
individuais e personalizadas.
Laudas com tramas, personagens
e enredos vividos em qualquer tempo.
Escolhidos em coautoria com o Criador,
e permitido o livre arbítrio do autor.

O final da narrativa
somente será sabido
por alguns conhecidos
que, de perto ou de longe,
fizeram parte de sua história.

O autor protagonista, este...Coitado!
Somente após sua passagem pela vida,
terá acesso sobre o fim de sua trama,
classificando sua própria obra
em aventura, comédia,
terror ou drama.



Law Lopes

Pedro do Rosário - MA

Law Lopes

CARTA À FLOR DO SERTÃO

Que saudade, que vontade de você, de estar contigo agora, de me ter no teu colo e sentir tua brisa a me embalar, de dormir sentindo o vento no meu rosto e acordar cedinho pelo raiar do sol entrando no meu leito e me dando bom dia.

Terra da onça, és a flor do sertão no coração do Ceará.

Terra de um povo que carrega em sua essência a força e a coragem de continuar lutando pela permanência na terra querida, quando muitas vezes tudo parece estar perdido... as folhas secas nas árvores nativas do sertão se complementa com galhos secos, e no chão o solo pedregoso faz um tapete ardente e pontiagudo, o mugir do gado clamando por água é quase como uma prece ao pai criador, o sertanejo de mãos grossas, a carranca séria demonstra a labuta de dias difíceis sem perder a esperança de olhar para o céu e acreditar que a chuva virá e trará com ela muita fartura. A fé é o alimento mais precioso de filhos e filhas que por amor a seu torrão continua acreditando na capacidade que o teu solo sagrado tem de se renovar.

Te quero tanto minha bela menina!

Tua história tem lutas, lutas de gente brava, batalhadora, acolhedora, gente do bem que carrega consigo marcas de um passado difícil, lembranças de seus entes queridos... vida, sonhos, cultura e arte. A religiosidade marcada pela fé no Deus Altíssimo e na Imaculada Conceição,

o festejo da padroeira que dura 11 dias marcada por muita fé e muita cultura, o município para, para viver este momento.

Linda, graciosa e cheia de encanto... és tu ó doce e ardente Jaguaretama (terra da onça) dona de um brilho sem igual e de quem me reporto e faço meus versos ecoar, que cobre com o seu manto toda essa gente de um sotaque maravilhoso, simples e de coração gigante. Você é meu pedacinho do céu. Como é bom estar aí, que saudades de tuas ruas estreitas, das avenidas que te enfeita, do sol que brilha logo cedinho e das ruas escuras ao anoitecer.

Cidade alegre, formosa, cheia de brilho. Maravilhosa, linda, única, sem igual. Simplesmente és minha, pura e iluminada, como um raio de sol brilha em cada manhã. Menina doce dos olhos meus, que abraça cada filho teu, lúcida e eterna, encanto e paixão. Cada pedacinho seu carrega amor, esperança, fé... como uma criança que nasce do teu ventre, é mágica, bondosa, uma magia sem igual.

Minha linda flor do sertão, carinhosamente chamada por teus filhos, desabrocha a cada nascer do sol, se enchendo de brilho, luz e encanto. Teus filhos são como as estrelas são para o céu, brilham em uma noite escura, clareia o teu caminhar, conduzindo a lugares com cheirinho de infância, aos banhos de açude, acordar cedinho e ir para o curral beber leite quentinho saindo da teta da vaca. Hum... que delícia!

Minha bela já não estou sob teu seio, estou em outras terras que a tomei como minha. Desculpa terra mãe. Mas, tu será sempre a primeira e a mais amada entre qualquer outra. Sereis fiel a ti amada, sereis fiel, peço que não me esqueças, sois tua minha princesa, sois tua. Amada terra, cheia de encantos, vontades, desejos dos corações apaixonados, da poesia e da cantoria, fique com Deus linda menina... estarei sempre a ti exaltar e a declarar o meu amor por ti.



Manoel Pena

Brasília - DF

Manoel Pena

In Memoriam

RELATOS DE MEU PAI - PRIMA PROFESSORA

por Ainê Pena.

Passamos toda a nossa vida vendo os nossos pais como heróis, algo que é criado desde nossa infância, onde o pai sempre é o herói que resolve todas as coisas, a mãe a heroína que cura todas as feridas e que faz as melhores comidas que já comemos.

Pensando as vezes em coisas que escutei meu pai falar ao longo da vida, e me pego em um raciocínio que é no mínimo estranho para nós filhos. As vezes penso no meu pai, menino, lá na casa da minha avó, vivendo as coisas que todas as crianças vivem. Sentindo as dores das crianças, desejos e peripécias. E tudo por conta de coisas que ele sempre me contava.

Uma coisa que escutava, e que vira e mexe eu me lembro, é de uma frase que ele sempre falava:

- A prima Ignez era a moça mais bonita que tinha na cidade quando eu era pequeno.

Ele sempre fala isso. Ou quando eu tocava no nome dela, ou quando estava falando algo sobre a família da parte dela, ou por qualquer outro assunto que por consequência, se ligava a ela de algum modo. Ela automático. Era tocar em algo que era relacionado a ela, para ele falar sobre o assunto e frisar que ela era a moça mais bonita daquele lugar.

Ele sempre contava que ela era formada no primário e dava aulas na roça para as crianças da região. Que era muito

inteligente, que gostava de recitar poesias e que andava muito bem arrumada. Era uma beleza em pessoa. A filha do tio Júlio, a moça mais bonita da cidade, aquela que os rapazes suspiravam por ela.

Aí as vezes me pego pensando: será que meu pai, quando muito pequeno e que se alfabetizou, creio eu que foi alfabetização que ela dava às crianças, pelo que meu pai contava, pois pelos relatos, acredito que ele era muito pequeno na época, e que quando estava lá na escolinha com seus amiguinhos, será que ele a via com outros olhos, como são os garotos de hoje em dia, que quando acham a professora bonita, a admiram muito?

A resposta para isso eu nunca vou saber. Nunca me atrevi a perguntar, apesar que ano passado quando ele tocou nesse assunto, eu parei, pensei e quase perguntei para ele se ele, na época da escola, tinha uma quedinha por ela. Quedinha de menino, coisa boba e que passa, mas não tive essa coragem, e hoje me pergunto se era isso, e sei que nunca matarei a minha curiosidade. Mesmo que as vezes o escutava falar, pensava no assunto e sorria achando engraçado essa coisa de criança. E uma coisa que ficou na lembrança dele por toda sua vida.

As vezes me pergunto, o que meu pai se lembrava de quando era criança, pois não perguntei muito para ele, nunca achei que não teria tempo de perguntar, pois sempre achei que um dia perguntaria mais e poderia escutá-lo contar sobre quando vivia com meus avós na cidade de Mantena, Minas Gerais. Hoje só sei o que ele me contava repetidamente ao longo da minha vida. Queria ter escutado mais e ter tido a oportunidade de escutar mais. Hoje o que me resta são somente as memórias daquilo que ele sempre lembrava e contava sem parar.



Maria de Abreu
Valparaíso - GO

Maria de Abreu

AS DORES DA MINHA MÃE

Minha mãe teve uma vida muito sofrida. Nasceu, cresceu e durante um bom tempo, após se casar, ainda viveu em uma fazenda onde faziam farinha, preparava carne bovina, lavava roupa na bica, quarava no sol, cozinhava para os trabalhadores da roça, paria quase todo ano e cuidava da filharada. Ela teve um total de dez filhos de 11 gestações. E quando estava grávida do nono filho, vivenciou momentos muito triste sem sua vida.

Naquele tempo seus pais já estavam idosos, com problemas de saúde, e ela, mesmo com sua vida difícil, se desdobrava entre os cuidados da casa, do marido, dos oito filhos já nascido e ainda ajudava a cuidar de seus pais. Estes que nesta época viviam na cidade, onde ficava com seus filhos durante o período letivo, até poder retornar à fazenda no período em que as crianças entravam de férias.

No início desta nona gestação, deixando os afazeres da casa da cidade e ao voltar à fazenda com os filhos, em poucos dias recebeu uma triste notícia que a fez voltar à cidade. Sua mãe havia falecido e precisavam acompanhar o sepultamento. Uma dor muito grande, principalmente para o momento delicado em que se encontrava. Mas, esta dor só piorou, após se passar somente três meses, recebeu novamente outra triste notícia: seu pai também veio a falecer. Não fosse por sua força, pela confiança que tinha em Deus, não houve complicações na gravidez e meu irmão nasceu saudável.

Permitindo que ela ainda tivesse mais uma filha, onde completou os dez filhos. Um time de cinco meninos e cinco meninas.

E sua luta continuou... Criou todos os filhos, os casou, recebeu os primeiros netos e antes de casar sua filha caçula, viveu uma separação de corpos em seu casamento, mas ainda vivendo muitos anos na mesma casa com seu marido. E ainda lembro, como se fosse hoje, que depois da separação de residências, todas as vezes que eu ia visitar meu pai, minha mãe dizia: - Cuida de seu pai! Pois, mesmo estando distante, ainda se preocupava com ele e desejava que os filhos o cuidassem, o que infelizmente, em pouco tempo vivendo sozinho, meu pai adoeceu e veio a falecer.

Entre a separação e sua morte, ainda pudemos vivenciar momentos em família onde todos estavam reunidos, como no casamento do meu irmão caçula dos cinco filhos homens que minha mãe teve, este mesmo que ela estava gestando quando da morte de meus avós. E que, passados sete anos de seu casamento, pouco tempo após o falecimento de meu pai, minha mãe vivenciou outra dor intensa, esta que a fez carregar e lembrar por todo o restante de seu viver. Meu irmão, em uma tentativa de assalto, ao tentarem levar sua caminhonete D10, um carro muito cobiçado na época, levou um tiro, vindo a falecer a caminho do hospital.

De todas as dores que minha mãe vivenciou em sua vida, esta foi a que mais reclamou. Sempre lembrava e falava da falta de seu filho caçula. E mesmo diante de tanta dor, Deus deu à minha mãe o privilégio de viver oitenta e sete anos. Conheceu seus vinte e seis netos, viveu a perda de dois deles, o casamento de vários e ainda foi agraciada por ainda em vida, poder ver a chegada de dez bisnetos, vendo assim sua prole crescer e se multiplicar.



Maria Ignez Biagioni
Belo Horizonte - MG

Maria Ignez Biagioni

A MULHER DO GUARDA

A delegacia tinha duas celas; uma estava vazia, e na outra estava preso um rapaz moreno, alto e bonitão. Chamava-se Evaristo:

– Mas pode me chamar de Vavá – ele ia logo avisando, sorridente.

Vavá cumpria pena por roubo. Na cadeia, logo fez amizade com os guardas, que gostavam de ouvir as histórias que ele contava. Tinha boa voz, ficava horas tocando violão e cantando; as pessoas se reuniam na praça em frente à cadeia, e faziam coro com ele.

Dona Rosa, a mulher de um dos guardas, era quem fornecia a alimentação na prisão, quando havia algum preso. Ela mesma levava a marmita, e ficava conversando, até que o detido terminasse a refeição. Com Vavá, a conversa sempre se estendia, pois ele elogiava o sabor dos alimentos e o tempero esmerado:

– Seu marido é um homem feliz, dona Rosa. Tem sempre em casa essa comidinha gostosa, feita por essas mãos tão delicadas. E ainda por cima, me perdoe a liberdade, uma pessoa com tão lindos olhos como os seus...

Rosa modestamente abaixava a cabeça, sorrindo. Já madura, o corpo deformado e cansado por tantos anos de trabalho doméstico, sentia-se renascer ouvindo os elogios do preso:

– Que nada, seu Vavá, bondade sua. Meu marido já nem olha para mim, não sou mais bonita como antigamente...

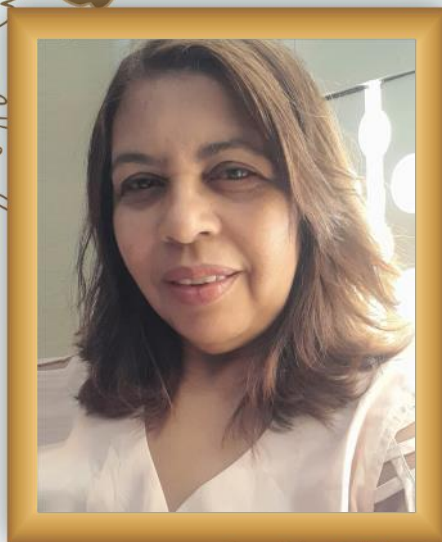
Vavá a elogiava cada vez mais. Rosa, encantada com o namorico inconsequente, começou a cuidar melhor da aparência. Cortou os cabelos, comprou batom e roupa nova, foi à manicure... Tônico, o marido, não prestava atenção às mudanças da mulher; mas Vavá percebia, e redobrava as atenções.

O tempo foi passando. Até que certa manhã o guarda encontrou a porta da cela aberta - o preso tinha fugido...

Dado o alarme, antes que saíssem em busca do fugitivo, Tônico, muito aflito e sem jeito, foi falar com o delegado:

– Achei esse bilhete em cima da mesa, lá em casa. É da minha mulher. Olha só o que ela escreveu, doutor!

“Tônico, vou-me embora com meu verdadeiro amor.
Me perdoa, mas com Vavá eu me sinto mulher de novo.
Rosa”



Ma Socorro
Marcolândia - PI

Ma Socorro

LINDA LEMBRANÇA

Estou por ti fascinado
Na distância tal solidão
Vibrando incrível. Cupido.
No limite do coração

Bela cheia de esperança
Atinge profunda graça
Emocional esplêndida
Vai além da lâmina afiada

Indescritível afago
Sensacional antídoto
Linda lembrança! Embriago.

Aprisiona sentimento
O amor por ti sempre trago
Dentro de mim absoluto.



Mirtes Alves

Salvador - BA

Mirtes Alves

AMORES

A lua me transforma, alcanço uma catarse encontrada nos momentos, representados por suas fases.

Sentimentos ambíguos, inspiram, na minha idade, verdadeiros folguedos. Já passada dos 60 e em plena atividade, os tormentos se transformam em amores de verdade.

Os lamentos já não importam, só a lua e as alegrias que iluminam, e incendeiam suprimidas fantasias de sensações envolventes e felizes que nos dão as diretrizes de amores para amar, diante da aura noturna, sob a luz da lua que vem nos enfeitiçar!



Nádyá Gurgel

Fortaleza - CE

Nády Gurgel

A DÉCIMA MUSA GREGA

Versos heterometrifcados,
painel lexical cognoscível,
rimas esparsas ou inexistentes,
visando a um tema com ares metafísicos e herméticos,
com laivos sociais,
mas em infeliz hiato dos nossos semelhantes,
peremptoriamente alijados,
sem prévias consultas,
das consideradas “sofisticações sociais e metafóricas”.
(E até quando tamanho abismo social?)

Estrofes sedentas para serem lidas, sentidas e dialogadas,
mas ainda lhes faltavam alguns tons de esperança no porvir,
e ela surge, qual uma aparição, ao olhar da minha varanda,
coladinha ao jardim, a sublime borboleta, polinizando
inspirações.

Ela me fita por um breve instante,
parece que me sorri
e sorrio de volta,
mas para o nada,
Pois ela já partira.

E um tênue verso de confiança na humanidade suscita,
tal qual o lampejo de uma das nove Musas gregas,

e o poema, então, se faz,
como se fosse descoberta
a décima Musa e, de fato,
constato,
ela existe
e
me contempla,
verdadeiramente,
com olhinhos rutilantes,
chamando pela "Mamãe":
minha princesa,
ISADORA,
como uma rima rara
enfeixando o poema
mais sonhado e eterno.



Naiker Dàlmaso

Oxford, Uk

Naiker Dàlmaso

Presidente Nacional da OMT - Inglaterra

PAZ NA JORNADA

Nesta louca existência atribulada,
Me apeguei ao Senhor pra vida inteira;
Seu amor arde feito uma fogueira,
Avivando-me a fé que era apagada.
Hoje é luz que ilumina a caminhada,
É remédio no afã dessa ilusão.
Para Deus entreguei meu coração,
Que somente por Ele anda batendo...
Toda noite eu me deito agradecendo
A Deus Pai pela sua proteção.

Glosa: Naiker Dàlmaso - Poeta Capixaba

Mote: Iranildo Marques



Odnei Sales

Manaus - AM

Odnei Sales

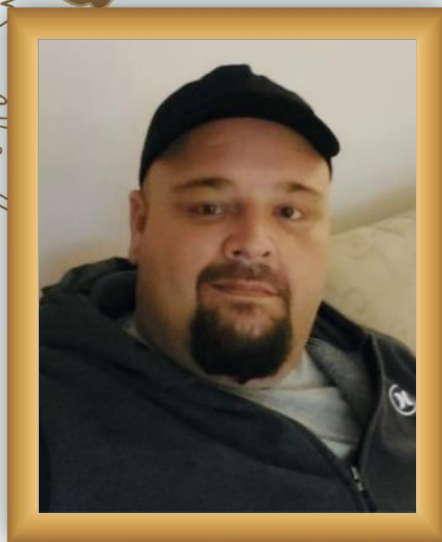
TODO DIA SE RENOVA

Todo dia há uma intensidade
Toda manhã se renova esse dia
Ainda que triste seja
Sempre se renova com felicidade
Daí vai se transformando conforme quem o vive
E ainda traz com ele a esperança, pois é como
Uma criança que em nada enxerga maldade
E mesmo que ela saiba que o mal existe
Nada a impede de mostrar sua alegria
Por ter tanta ingenuidade e fantasia

Todo dia há um sol
Ainda que escondido; sempre radiante
E as nuvens impedem seu brilho incessante
Cobrindo-lhe como um imenso lençol

Todo dia há uma lua
Para nos iluminar na escuridão
Com toda sua beleza à qual o sol revela
Talvez o momento mais lindo da transição

Todo dia há em nós alguma mudança
Em verdade somos uma constante mudança
Somos adultos, somos pais, somos avós
Mas sempre seremos... uma criança!



Paulo Fernandes

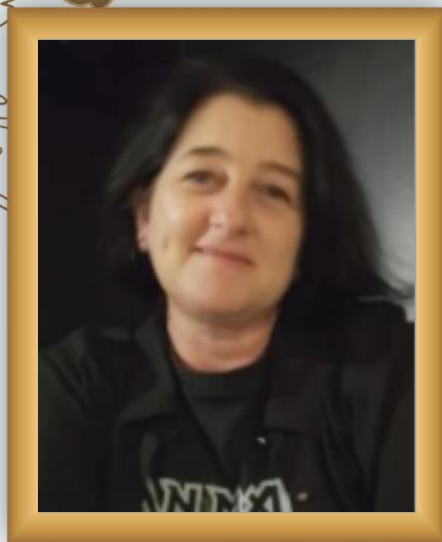
Ponta Grossa - PR

Paulo Fernandes

CULPA ZERO

Bruno encarava o celular. Respirou fundo e leu novamente aquele anúncio que piscava sedutor: “Você foi selecionado para conhecer nossa versão beta. Livre-se do peso da culpa em segundos! Teste grátis”. Ele hesitou. Desde o acidente de carro, sua mente era só arrependimentos. Ele não conseguia dormir, comer ou sequer olhar outra pessoa sem sentir a culpa insuportável. Finalmente cedeu e apertou o botão de download. O aplicativo foi instalado rapidamente. A interface era minimalista, apenas um fundo preto e um único botão pulsante: “Apagar culpa” respirou fundo e clicou. Um breve choque percorreu seu corpo. Sua visão escureceu por um segundo, e então...paz. O nó em seu estômago desapareceu. As memórias ainda estavam lá, mas o peso emocional delas tinha sumido. Ele testou sua mente, tentando lembrar do acidente. Conseguia ver o carro capotando, ouvir o grito da mulher na rua... e mais nada. Nenhuma dor. Nenhum remorso. Pela primeira vez em meses, sentiu-se livre. Os dias seguintes foram estranhamente fáceis. Ele voltou ao trabalho, conversava com os amigos, dormia profundamente. Aquele aplicativo obscuro funcionava. Então começaram os sonhos. No primeiro, ele viu a mulher do acidente. Ela estava em pé no canto do quarto. Não disse nada. Só olhava e chorava. No segundo sonho, ela se aproximou. Seu rosto estava inchado, coberto de hematomas. Quando tentou falar, sangue escorreu de sua boca e foi aterrorizante. No terceiro, ela sussurrou: —

Você esqueceu...você esqueceu tudo. Neste dia Bruno acordou suando. Olhou para o celular e o aplicativo estava aberto, a tela piscando. Uma nova opção havia surgido: "Restaurar culpa". Na tela do celular, fotos da mulher apareciam aleatoriamente. Mensagens estranhas surgiam nos seus aplicativos e redes sociais. Não aguentava mais e pressionou o botão, uma onda de choque varreu seu corpo. A dor foi insuportável. A lembrança e a culpa voltaram. Ele tinha fugido. Deixou a mulher morrendo na estrada. A verdade que ele evitou por tanto tempo estava ali. Deitou-se na cama e quando olhou para cima viu a mulher diante dele. Seu rosto estava quebrado, os olhos cheios de ódio. Então, algo impossível aconteceu. Seu celular vibrou vigorosamente. Uma nova opção surgiu no aplicativo: "Transferir culpa". Entendeu o que precisava fazer. Correu para a rua. Então viu um garoto distraído, mexendo no celular, esbarrou nele e clicou na nova opção. O aplicativo piscou e ele sentiu um alívio imediato. O peso da culpa desapareceu, o jovem cambaleou, segurando a cabeça como se estivesse sendo atingido por algo invisível. Afastou-se lentamente, observando o rapaz tremer. Então no lugar de "Transferir culpa", apareceu. "Confirmar culpado", Bruno sorrindo apertou o botão.



Potiara Cremonese

Santa Cruz do Sul - RS

Potiara Cremonese

A FORÇA DO AMOR

O amor está em todo o lugar,
no aperto de mão no brilho do olhar
No abraço apertado, no beijo apaixonado, no abraçar
Nos nossos gestos e atitudes,
na plenitude do bem compartilhar
Na resiliência, na persistência na vontade de não vê-lo acabar
Vivemos tempos sombrios onde
semear o amor virou um desafio
Amor que estende a mão, que levanta do chão,
que ajuda a caminhar
Vivemos momentos onde o ódio do amor tomou o lugar
Na rua, nos lares, nas escolas e nas telas do celular
Por ganância e ambição
à natureza vive em constante destruição
Por poder a qualquer custo guerras seguem em curso
Por misoginia e covardia matam-se mulheres todos os dias
O amor é o maior exercício para encontrar a paz
O amor não precisa de palco ou de plateia
Não tem partido ou ideologia, raça ou etnia
Nos traz esperança e não desavença
Não importa sua cor ou sua crença
É o sentimento que nos move e também comove
O amor que um dia existiu, está sendo substituído por vaidade
E como faz falta o amor nestes tempos tão sombrios
Nem catástrofes ou pandemias nos fizeram repensar

Que a vida só tem sentido se soubermos o valor de amar
É o amor que nos ensina também a compreender
Que o preconceito e o desrespeito machucam, ferem o peito
Que todos têm os mesmos direitos de ser e pertencer
Que pobreza não é defeito e que riqueza não é saber
Que a maior grandeza está na natureza e não no poder
Pois o amor se encontra de toda forma e todo jeito
No verso da canção que emociona e nos encanta
Na poesia que atravessa o tempo e permanece na lembrança
O amor é fortaleza em meio às incertezas
Vivemos uma era sombria, pessoas extremamente frias
Corpos sarados cabeça cada vez mais vazias
A construção do amor é a ponte para o progresso
Essa falta de amor no mundo é sinônimo de retrocesso
O amor é o que nos dá vida, é nosso elixir
Se deixarmos o amor morrer,
estaremos fadados a apenas existir.



Renata de Andrade

Aracaju - SE

Renata de Andrade

FÊNIX

Meu peito queima,
em fogo brando,
mas constante,
que se acende
nas dobras da memória.

Dia após dia,
vou varrendo
cinzas invisíveis
para os cantos do corpo.

Sob as costelas,
entre as vértebras,
atrás dos olhos.
Escondendo-as com cuidado,
como quem guarda
segredos do mundo.

Mas, aos finais de semana,
quando o tempo desacelera
e o silêncio me alcança,
as cinzas transbordam.
Escorrem dos poros,
assentam-se nos olhos,

empoeiram o ar.
É então que recolho o que resta.

E ali, no meio do cansaço,
ergue-se algo em mim.
Não é grito, ou riso,
mas é fogo novo.
Feito fênix silenciosa,
renasço das cinzas —
não para voar alto,
mas para continuar.



Simone Reis

Rio de Janeiro - RJ

Simone Reis

O AMANHECER

E quando ao olhar, vejo as rosas se misturando entre si e outras, uma beleza sem fim.

Quando o sol nascer, estarei todas as manhãs no jardim entre as rosas e os livros. No lugar preferido onde escrevo meus poemas.

E quando ele chegar sem pedir licença, com sua beleza natural e não ficar o dia inteiro, mas o tempo que fica é o suficiente, traz o calor e a beleza do amanhecer. Com uma boa dose de café, está em minha companhia inseparável. Quando o sol nascer, estarei na varanda esperando escrevendo os meus poemas para ter com a inspiração a chegada de o lindo amanhecer. Amanhã, quando o sol nascer, estarei aqui novamente para vê-lo.



Tatiana Gianordoli

Belo Horizonte - MG

Tatiana Gianordoli

REVELAÇÕES

Ela se via impactada. A iminente ameaça que a todos pairava, o crescimento de hospitalizações e a média móvel global crescente de mortes despertava um olhar de espanto. Nada era claro, as autoridades científicas buscavam respostas.

O empenho em cuidados era diário em sua casa. E foram muitos. Seria assim com todos que, como ela, se encontrava naquela impactante situação?

A dor diante das perdas de quem não conheceu, doía em seu peito. E quando chegou a partida de quem conheceu, explodiu-se em indignação, em revolta com o negacionismo monstruoso da autoridade maior de onde habitava (e habita).

Nesse isolamento imposto, se propôs a pensar no quanto se poderia ter evitado, a quantidade de infectados. E muito chorou. Não era possível que todas essas pessoas se fossem despercebidas, não sentidas.

Estar diante da narrativa diária da morte de milhares era dilacerante. Terrível, mas efetivamente verdadeira, de forma a muito horrorizá-la.

Seguia vulnerável e com a respiração suspensa a cada amanhecer. Havia, também, a distância total dos seus familiares mais próximos. Pais idosos, filho, nora e netas.

– “Põe no quadradinho, vovó”, dizia uma das netas, sempre que ligava, se referindo a câmera do celular.

E, assim, a respiração ia acalmando, o corpo distensionando, o rosto ganhando alívio para ceder lugar a um

tímido sorriso. O alívio vinha da inocência, do amor e carinho de quem dizia estar com saudades.

Quanta saudade! Quanta dor difícil de suportar. Exercício para o músculo do coração que se mostrou muito forte.

Nesse clima de inúmeras restrições, ela conseguira finalmente, com muito preparo e coragem, viajar até a casa do seu filho. A saudade das netas doía...gritava! e já se passara um ano.

Chegou lá entusiasmada. O tempo bem que poderia dar uma pausa no seu ritmo. E por quatro dias assim foi. Até que seu filho, o primeiro a apresentar os sintomas. O teste veio confirmar.

O filho, isolado num quarto da casa, tentava, de lá, divertir a todos do lado de fora. As crianças, suas netas, sem consciência da gravidade, sorriam e sentiam-se, até certo ponto, aliviadas diante da falta de contato externo com coleguinhas e idas ao playground.

E, na mesma proporção em que a febre do filho dava indícios de cessar, nela, se manifestava alta e abatia, visivelmente, seu corpo. Bastaram poucos dias para o quadro se agravar.

Quase no fim da tarde de uma quinta-feira, a experiência da médica infectologista concluiu, ao final da consulta, após os últimos exames, o que ela temia ouvir. Foi direto ao assunto e proferiu o que parecia uma sentença, sem chance de contestação: - Vamos ter que interná-la.

Seu filho demonstrava confiança e apenas perguntou: – quando? – Agora! respondeu a médica.

Para ela pareceu o fim de uma vida. Sentiu medo. Muito... Como lutar contra um inimigo desconhecido e tão

potente em sua trajetória de ataques... Permitiu-se toda fragilidade humana.

Chorou copiosamente a caminho da casa do seu filho, aonde sua nora já a esperava com uma *nécessaire* arrumada. Essa bolsa seria sua única companhia permitida, além do medo, da angústia e de muita inquietude.

Quanta tristeza. Aquele momento da sua vida a dizia “não” e ela entrou numa postura de dor.

Com o olhar cabisbaixo e aperto no peito, voltou-se para o quarto que a hospedava na casa do seu filho e que agora era impossível saber se retornaria a ele... ao desabar, algo a despertou. Seus olhos foram levados para além do que havia em frente à janela. Olhou o horizonte que revelou: - não é o fim, acredite! Sentiu, então, uma força tomar conta de si, a abraçando fortemente. E, seguiu ao hospital.

Ficar isolada num quarto de hospital é um processo penoso. Olhar para as paredes sem janelas, apenas minúsculas básculas bem no alto e um silêncio interrompido pelo bipar do monitor da pressão arterial.

Poucos foram os técnicos de enfermagem a entrar para aplicar a medicação, medir a pressão, verificar o oxímetro e regular o oxigênio. Não se via seus rostos, protegidos por máscaras, *face shields*, toucas, todo aparato necessário para quem atende pacientes infectados por um grave vírus. Só depois chegariam os fisioterapeutas.

Mergulhar nesse tempo, num corpo sem força muscular, não era um lugar apazível.

– Quais recados essa dor e medo estão a me dar? – perguntava-se ela.

Um acolhimento consigo mesma passou a ser vivenciado e, naquele silêncio, pode ouvir e sentir seu corpo materializando os medos, os conflitos, as angústias, as dores,

enfim, que insistiram em se fazer presente ao longo dos seus anos.

Ironicamente, num ambiente de dor e incertezas, havia um desafio espiritual a ser honrado, sua expressão divina por nascer!

Nascemos mais de uma vez sim! descobrira ela.

Ela se relacionava consigo mesma, (re)nascendo. E no isolamento conheceu o sublime: o amor, por si mesma. Quando se vence o medo, nasce o amor.



Tchello Melo

Niterói - RJ

Tchello Melo

PEDRA PULSANTE

Pedra pulsante, viajante
Alma corpórea, grossa
Agora não é só um instante
Memórias, às vezes paranoias
Amanhã talvez venha antes

Conexão durante a ioga
Televisão edificante
Sem anunciantes, jogando o lixo fora
Trocando o nicho e as lâmpadas
Que duram bem menos

Do que as de outrora
Regando as plantas
Descarregando os venenos
Levezas em voga são esperanças
Lição de certezas vagas

Relógio liso, lento, ameno
E submisso como um leão
No fogão aceso a leiteira afogada
De água da torneira para fazer o mate
Sem esquecer as gotas e o limão

No amargor da realidade
Amar o gol que espanta
Pedir logo o galão de vinte litros
E virar o lado do disco lá pelas tantas
Para uma novíssima ideia

Há diversos delírios e livros
De versos, receitas e mantras
Reuniões literárias submersas
De poetas que não são lidos
Pulsa outro perfil da pedra

E você pensa que sinto
Graça naquelas janelas
Sagradas como brinquedos
Da velha brinquedoteca
Pedra comovente e latejante

Lances de audazes medos
Nuvem pétrea, lúcido pane
Ao vento, cavalares segredos
Lembrete de puro sangue
Na parede, cegos caranguejos

Brilhantes mágoas no mangue
E você sente que penso
Mas não como antigamente
Travesseiros tensos
Sem cabeças, ofuscantes lentes

Talvez na fuga apareça antes
Pedra pulsante, alma corpórea
Diamante distante, cá dentro
E você sabe que rolam
Horas e demoras diante do tempo.



Thata Cristina Silva

Rio de Janeiro - RJ

Thata Cristina Silva

HÁ ALGUÉM...

Há em mim uma alma que respira
na outra ponta do destino de alguém.
Não por ser metade de ninguém,
mas por ter sido moldada
do mesmo sopro eterno
que criou a essência dela.

Antes que meus olhos vissem o mundo,
antes que meus pés tocassem o chão,
um sussurro já dizia no alto:
"Essa será para aquela.
Não cedo.
Não fácil.
Mas inteira."

Não vim em cavalo de fogo,
nem envolta em sinais místicos.
Chego no passo calmo
de quem não precisa provar nada.

Talvez traga uma cicatriz
que combine com a dela.
Talvez nosso silêncio
fale mais do que mil promessas.

Eu não sou ideal. Sou real.
E quando eu chegar,
não será para preencher,
mas para caminhar ao lado
com olhos que veem a alma nua,
com mãos que respeitam a liberdade,
com presença que chama à missão.

Quando esse encontro acontecer
mesmo breve,
mesmo sem nome
nossas almas saberão.

Porque a centelha que veio da mesma raiz
reconhece.
Porque o que foi escrito nas alturas
arde, em silêncio,
aqui dentro de mim.



Thay Araújo
Jardim Ingá - GO

Thay Araújo

A CHAVE QUE LIBERTA

Introdução

A falta de perdão nos coloca em cadeias invisíveis. Mas essa prisão é diferente de todas as outras: porque quem tem a chave para abrir é você.

Muitas vezes carregamos pessoas dentro de nós, guardamos mágoas, lembranças dolorosas e feridas não curadas. E, sem perceber, vamos acumulando chaves em nossas mãos, mas nos recusamos a usá-las.

O perdão é essa chave. E Jesus nos ensinou que devemos usá-la quantas vezes forem necessárias: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.” (Mateus 18:22).

A prisão da falta de perdão

O rancor é como uma cela escura: quem está preso não é o outro, mas você.

A mágoa gera amargura, e a amargura corrói a alma como veneno lento.

Quando não perdoamos, damos direito legal ao inimigo para nos prender em ciclos de dor.

O perdão como chave

Perdoar não significa aprovar o erro, mas se libertar do peso que ele causou.

Perdoar não é esquecer, mas escolher não ser escravizado pela lembrança.

O perdão abre a porta da sua própria liberdade antes mesmo de libertar o outro.

Mas você não sabe o que fizeram comigo...

Talvez essa seja a sua resposta agora. E é verdade: ninguém sabe a profundidade da sua dor, exceto Deus. Mas Jesus conhece bem esse caminho, porque também foi traído, humilhado e crucificado injustamente. E ainda assim, no auge da dor, disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34).

E para mostrar o poder do perdão, Ele nos contou uma parábola: a do servo impiedoso (Mateus 18:23-35). Esse homem devia uma dívida impagável e foi perdoado pelo rei. Mas quando encontrou outro servo que lhe devia muito menos, não teve misericórdia. Resultado? Ele perdeu a liberdade, porque se recusou a perdoar.

Aplicação

Pense em quem você ainda mantém "preso" dentro de você.

Reconheça que a chave está em suas mãos.

Decida hoje liberar essa pessoa diante de Deus, entregando-a ao Justo Juiz.

Oração

“Senhor, hoje eu reconheço que segurar mágoas e rancores só me aprisiona ainda mais. Eu decido usar a chave do perdão, porque quero viver livre. Assim como fui perdoado por Ti, escolho liberar perdão para aqueles que me feriram. Tira de mim toda raiz de amargura e ensina-me a andar em amor e liberdade. Em nome de Jesus, amém.”



Trina el Mochuelo

Bucaramanga, Colombia

Trina el Mochuelo

Mi pluma vive inquieta
Haciendo manifestaciones
Despertando emociones
Parece un gran cometa
Veloz como una saeta,
Va recorriendo el mundo
Con su cariño profundo
Llevando bella diversión
Alegrando el corazón
Hasta de un vagabundo.

. . .

Yo nací siendo artista
Por eso vivo contento
Echo mis penas al viento
Para que sigan su pista
Haciendo nueva visita,
Sin conocer la nostalgia
Llevando toda la magia
Explorando ilusiones
Despertando las pasiones
Las que a todos contagia.

Rutina y disciplina
Actúan como dos hermanas
Para las razas humanas
Ellas son las medicina
Con rica adrenalina,
Despertando la armonía
Acabando tu agonía
Aparece bella magia
Alejando la nostalgia
También a la melancolía.

. . .

Yo tengo imaginación
Haciendo bella poesía
Inventando mi fantasía
Voy despertando emoción
Sembrando linda ilusión,
Construyendo un relato
En un momento muy grato
Plasmando una historia
Motivando mi memoria
Olvidando lo ingrato.



Biografias

Ainê Pena - Escritora e historiadora, escreve para crianças e tem mais de 100 livros publicados. Tem sua maior obra, a coleção de livros infantis Coisas do Lelé com os quais trabalha vários projetos de incentivo à leitura e ao estudo de línguas. Acadêmica de várias Academias de Letras, presidente da AICLAB e detentora de vários títulos, incluso de Baronesa e Embaixadora da Paz.

Aline Andersson - Professora de Geografia e Religião, casada e mãe de oito pets. Iniciou sua carreira como escritora com histórias infantis que transmitem valores como amor e empatia. Ela lançará em breve "A Gatinha Mafalda e Seus Sete Irmãos", além de "O Diário de uma Assassina", que explora a complexidade da mente humana.

Breno Cosme - Natural de Vitória, há algum tempo se dedica à poemas, no início de forma recreativa e com o passar dos anos, se encorpando ao ponto de acreditar no sonho e com ele viver a realidade de ser um poeta. Hoje se vê como escritor, tendo alguns poemas publicados em antologias, como: Rotina e Peito Chora, neste ano projeta lançar seu primeiro livro, chamado: Oi! Vamos lá.

Celina Pereira - Natural de Porto Alegre, onde se graduou em Letras e Música na UFRGS. Atualmente mora em Brasília, onde leciona Língua Portuguesa. Autora dos blogs Viver e Versículos para hoje, nos quais publica textos sobre o dia-a-dia e comentários sobre versos bíblicos. Participou de algumas

antologias, com crônicas e contos. É casada há 53 anos e tem 3 filhos e 8 netos.

Coracy Saboia - Natural de Oriximiná - PA, nascido na década de 60. Licenciado Pleno e Bacharel em Filosofia, Bacharel em Teologia, Direito, Ciência Política e em Relações Internacionais. Múltiplas Especializações. Master in Legal Sciences (UML, FI., EUA). Doutor em Filosofia (USP). Dr. h.c. Multi. Professor Associado II da Universidade Federal do Acre. Docente Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFAC). Membro do Núcleo de Sustentação do GT Filosofia Hermenêutica (ANPOF). Membro Efetivo da Academia Acreana de Letras e de outras instituições congêneres.

Davi Augusto PS - Graduado em Educação Física, é professor de artes marciais e bombeiro militar. Estuda a psique e o comportamento humano, produzindo conteúdos voltados à educação e ao treinamento. Escreve textos literários que transmitem afetos, saberes e reflexões sobre o cotidiano e a experiência humana.

Débora Tauane - Escritora, biomédica e apaixonada por gatos, natural de Alagoinhas-BA. Encontra inspiração em sua vida para escrever contos sempre com toque de fantasia, tendo ao seu lado sua fiel companheira, Meggy. Com várias participações em antologias, busca conectar-se com outros amantes da literatura e inspirar novos leitores.

Denilson Silva - Escritor fascinado e entusiasta de H. P. Lovecraft e Edgar Allan Poe. Começou a se aventurar pela escrita em 2020 iniciando sua carreira como escritor lançando-se no Wattpad. Em 2024 publicou seu primeiro conto chamado

'O sonho' na antologia Mistérios - Contos e Poemas Vol. 2. Desde então tem se engajado em concursos e construindo sua carreira como autor de terror.

Edebrade Cavalieri – *'Eu sou minhas palavras!'* O caminho das letras apareceu em sua frente nos tempos da pandemia. Assim surgiram os livros "Navegando por outros mares", "Versos pelo caminho". Em coautoria "Poesia na Escola", "Cicatrizes pandêmicas", "Amor para recordar". "Amor Eterno", "Nosso Amor", "Ser-tão abençoado", "Além do túmulo", "Amores modernos: conto por conto", "Segredos do coração", "Suspiros Poéticos", "Laços de Família", "Amor para recordar" Vol. II. IG: @edebrade_

Edina de Azevedo - Professora, escritora, membro da AjeB - RO e Rede Sem Fronteiras. Participou de algumas Antologias e é fotógrafa.

Eliz Godoy - Atua como advogada desde 1988 e foi Examinadora da OAB-Secção de São Paulo, sempre atuou na área de Família e das Sucessões. Formada em Relações Públicas desde 1983, tendo ganhado o prêmio de melhor projeto na área governamental na Associação Brasileira de Relações Públicas naquele ano. Foi Juíza de Paz de 1998 até 2005 e atua como Cerimonialista. É Membro fundadora da Academia de Letras de Itaquaquecetuba/SP e Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Escritora desde sempre.

Graciela Zeballos - Conferencista internacional, Articulista, Escritora y Poeta. Recibió el Premio Mundial "Águila de Oro" a la Excelencia Humanista, UHE Perú 2023; y Premio "Pluma de Paz", Poetas Intergalacticos Ecuador 2021. Es Misionera de

Paz. Participa del Movimiento Acción de Paz Argentina 2023.
Goodwill Ambassador Representative SPMUDA Internacional
Organization for Peace & Development 2019-2021.

Gustavo Coscarelli - Nascido na década de 70 em Belo Horizonte, deixou a escola aos 13 anos, mas seguiu como autodidata. Aos 29, retomou os estudos na Université Paris 8, onde se formou e fez mestrado em musicologia. Lecionou por anos até se afastar da sala de aula. Hoje, dedica-se à reflexão, ao estudo e à criação literária. Seu caminho é marcado por resiliência e amor pelas palavras.

Herlani Moore - Escritora, pedagoga, assistente social, psicanalista e poetisa. Paulista de Limeira, vive há mais de 35 anos na Ilha de Itaparica, na Bahia. É autora de livros infantis e atua como palestrante. Seu trabalho é voltado ao serviço do próximo, com mensagens de esperança. Acredita no poder da literatura e da poesia para transformar vidas.

Jorge Eduardo Magalhães - Nasceu no Rio de Janeiro. É Pós-doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como Professor Visitante na Universidade de Aswan, no Egito; ensaísta, romancista, contista, cronista e autor teatral. Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras, do Pen Clube do Brasil, conquistando diversos concursos literários.

Josemar Guedes - Natural de Juazeiro-BA, atualmente, reside em Recife-PE. Graduado em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, teólogo Congregacional (Curso Livre em Teologia - STCN/1997- PE) e pós-graduado - Lato Sensu, em Africanidades e Cultura Afro-

Brasileira (SP). Pastor, professor de Teologia, professor do Ensino Fundamental I e poeta.

José Vitor S. Fontinele - Nordestino, contista piauiense, com publicações no jornal periódico "O Dia", cujo primeiro conto publicado neste veículo, intitula-se "As batidas misteriosas", em dezembro de 2018; idealizador do blog "Corvo Piauí" e escritor de antologias.

Karol Costa - Residente em Itajai-SC, escritora com 5 obras publicadas: Cartas da Karol, Cartas de uma Alma Juvenil, Devaneios de uma Mente Sonhadora, Entre Palavras e Emoções e Mensagens de Luz. Participação em várias Feiras Internacionais como seu programa semanal Momento Zen na FILC Dubrá. Em seu blog pessoal pode ser encontrado: Cartas, poesias, contos, Haikai, além de textos convertidos em áudios.

Karol Neves - Formada em Letras - Português e Armênio pela USP, a escrita sempre foi a maneira com que conseguia me expressar com liberdade, uma válvula de escape que se tornou uma paixão! Gosto de escrever de poesias a contos de terror, pois a diversificação faz parte de mim.

Káthia Gregório - Nascida em Niterói, atualmente é servidora pública. Exúvia foi seu primeiro livro de poemas, publicado pela Editora Ascensão, em 2021. Em 2023, publicou seu primeiro romance intitulado O Miolo, pela Lura Editorial e, por esta mesma editora - Lura Editorial, lançou Ensaios, seu primeiro livro de contos. Atualmente, tem poemas, crônicas e contos publicados em várias obras coletivas.

Law Lopes - Natural de Banabuiú, Ceará, e atua como gestora da rede municipal de ensino de Pedro do Rosário, Maranhão. Iniciou sua trajetória na escrita ainda na adolescência, inspirada pelas histórias contadas por sua avó. Dedica-se à produção poética com ênfase em temas diversos, sobretudo os sentimentos, permitindo que a palavra escrita flua com sensibilidade e autenticidade.

Manoel Pena - Foi professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Católica de Brasília, pós graduado pela UFLA-MG em Farmacologia e em Plantas Medicinais. Trabalhou na Oficina Pedagógica - SEDF onde desenvolveu projetos pedagógicos com professores da Rede Pública do DF e finalizou seu trabalho sendo Terapeuta Complementar, desenvolvendo pesquisas em Terapias Naturais e atendendo pacientes buscando sempre a cura através das plantas. Acadêmico Imortal de Academia de Letras AICLAB. 1949 - 06/08/2024. *In memoriam*.

Maria de Abreu - Professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal, graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Brasília, e pós graduado pela UFLA-MG na mesma área. Desenvolveu desde muito cedo, atividades artísticas de pintura, flores e outras artes manuais, mas teve na didática, no lúdico, sua visão de melhorar o aprendizado para alunos na disciplina de matemática. Participou de várias antologias e é acadêmica da Academia de Letras AICLAB.

Maria Ignez Biagioni - Nasceu na década de 40, se formou em Direito pela UFMG. Tem três filhas e cinco netos. Depois de aposentada, cursou Artes Plásticas na Escola Guignard, UEMG.

Trabalha atualmente com desenho, pintura e cerâmica, e gosta de ler e escrever.

Ma Socorro - Brasileira, Nordestina, Piauiense, nascida na década de 60, filha de: João Eugênio de Sousa e Francisca Inácia de Sousa; vive em Marcolândia-PI; é professora, escritora, poetisa romântica; publicou nove Livros de Poesias; é coautora: Encontros de Poesias Luso-brasileiros Portugal, Mescla, ELO Poético e várias Antologias Nacionais e Internacionais; e membro correspondente de algumas Academias de Letras Nacionais e Internacional.

Mirtes Alves - Nascida na década de 60, Soteropolitana, amante da natureza e da literatura de cordel. Iniciou sua escrita durante a pandemia. Participou da Bienal do Rio 2025, tem várias antologias e textos publicados por algumas editoras, é membro do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal.

Nádyá Gurgel - Docente de Língua Portuguesa do IFCE - campus Umirim. Membro da Academia Fortalezense de Letras (AFL) - cadeira número 14. Primeira-Secretária da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - coordenadoria do CE. Mestra em Literatura Comparada pelo PPG-LETRAS (UFC). Romancista, contista, ensaísta e poeta.

Naiker Dàlmaso - Nascido na década de 80, em Vila Velha, Espírito Santo, é um poeta cujos versos evocam a nostalgia da maresia do litoral capixaba. Radicado em Oxford, Inglaterra, preside a Organização Mundial dos Trovadores - OMT/Inglaterra e integra instituições literárias, como a Academia Internacional de Ciências, Letras e Artes - Brasilis (AICLAB), Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências,

Letras e Artes (FEBACLA) e a Academia Literária & Clube da Poesia Nordestina.

Odnei Sales - Poeta, cronista, contista e a vezes compositor. Natural de Manacapuru-AM, atualmente vive na capital Manaus, trintenário e escreve desde os 13 anos. Participa de várias antologias e coletâneas nacionais.

Paulo Fernandes - Nascido em Ponta Grossa, é casado, pai do Edu e da Gabi, oficial da reserva do exército brasileiro, formado em marketing e propaganda pela Uninter. Desde 2008 é produtor rural no interior do Paraná. Consumidor assíduo de filmes, livros, revistas e música.

Potiara Cremonese - Reside em Santa Cruz do Sul. É funcionária pública Municipal. Começou a escrever durante a pandemia. Lançou seu primeiro livro de crônicas Opinião do Leitor-Artigos para Refletir pela editora Autografia/RJ em junho de 2024. Desde lá, tem participado de antologias literárias em formatos digitais e impressos. Acredita na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

Renata de Andrade - Leitora ávida, escritora iniciante e estudante de Letras - Português. Escreve nos intervalos da vida, entre o cansaço e os sorrisos dos meus três filhos. Suas poesias falam de dor, rotina, amor, maternidade, desigualdade e esperança.

Simone Reis - Viúva, mãe de três filhos, Marcus Vinicius Reis (*In memoriam*), Emanuelle Reis e Gabriel Reis. É diarista, uma forma que encontrou para criar meus filhos e se sustentar. Hoje, escritora, o que sempre foi um grande. Escreve poemas

desde 2006, em 2024 teve a chance de participar de antologias e trazer um pouco de si para cada uma delas.

Tatiana Gianordoli - Jornalista diplomada, Mestre em Comunicação e Dra. em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Autora de capítulos de livros e artigos publicados. Membro do Conselho Consultivo Deliberativo da ABPEducom - Associação Brasileira de Profissionais e Pesquisadores em Educação e Comunicação. Seu livro Comunicação na mídia política: reconciliação com a natureza, foi publicado em 2008 pela Verlag, Editora Novas Edições Acadêmicas.

Tchello Melo - Lançou seu primeiro livro, "Mesmo a Esmo", em 2012, pela Navilouca Livros. Vencedor do I Festival Cultural da Juventude de Niterói-RJ em 2003, também participou de saraus da "Picareta Cultural" em 2008, 2012 e 2022, durante a FLIP, em Paraty-RJ, além de ter recebido menção honrosa do Júri Técnico da Mostra Cultural "Olhares Sobre o Patrimônio Fluminense 2022".

Thata Cristina Silva - Nasceu em Belém do Pará, mas escolheu o Rio de Janeiro com a alma - e foi acolhida pela cidade com o coração aberto. Sagitariana, professora, mãe e artista, escreve desde a adolescência, acreditando na arte como força de cura e transformação. Poeta do afeto e das marés, ama a poesia como quem ama a vida: com entrega e intensidade. Faz parte do movimento LGBTQIAPN+, onde seu verso também é corpo, luta e liberdade.

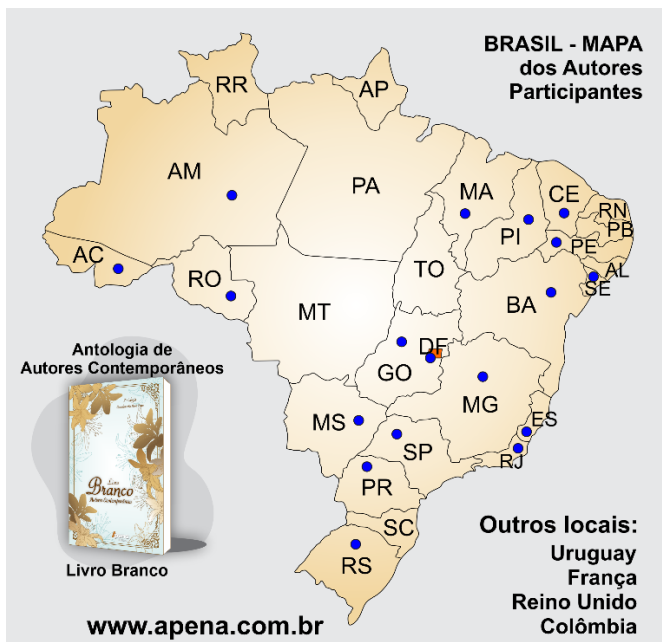
Thay Araújo - Filha de Elza Paulino, mulher extraordinária que marcou sua vida. Ama seu pai, Joseilson Duarte, mas foi criada com honra e valores por seu padrasto, já falecido, Adilson

José. É mãe de quatro filhos, Isadora, Eduarda, Melinda e José Gael, e casada com o amor da sua vida, Saymon Diego. Cristã apaixonada por Cristo, tem na fé, na família e no amor os pilares da sua caminhada.

Trina el Mochuelo - Rafael Augusto Morales, con Seudónimo el Mochuelo Montemariano. Nació en los años 50 en Corozal Sucre, Colombia. Tubo estudios Básicos y Técnicos en el Sena. És aficionado al deporte y el arte, especialmente a la poesía, y práctica el montañismo.

Participantes

Autores de várias partes do Brasil e outros Países



Norte

Odnei Sales - Manaus - AM

Coracy Saboia - Rio Branco - AC

Edina de Azevedo - Porto Velho - RO

Nordeste

Débora Tauane - Alagoinhas - BA

Herlani Moore - Itaparica - BA

Mirtes Alves - Salvador - BA

Denilson Silva - Sobral - CE

Nádyá Gurgel - Fortaleza - CE

Josemar Guedes - Recife - PE
José Vitor S. Fontinele - Teresina - PI
Ma Socorro - Marcolândia - PI
Law Lopes - Pedro do Rosário - MA
Renata de Andrade - Aracaju - SE

Centro-Oeste

Ainê Pena - Brasília - DF
Celina Pereira - Brasília - DF
Manoel Pena - Brasília - DF (*In memoriam*)
Karol Costa - Campo Grande - MS
Maria de Abreu - Valparaíso - GO
Thay Araújo - Jardim Ingá - GO

Sudeste

Breno Cosme - São Mateus - ES
Edebrando Cavaliere - Vitória - ES
Eliz Godoy - Arujá - SP
Karol Neves - Taboão da Serra - SP
Jorge Eduardo Magalhães - Rio de Janeiro - RJ
Káthia Gregório - Rio de Janeiro - RJ
Simone Reis - Rio de Janeiro - RJ
Thata Cristina Silva - Rio de Janeiro - RJ
Tchello Melo - Niterói - RJ
Maria Ignez Biagioni - Belo Horizonte - MG
Tatiana Gianordoli - Belo Horizonte - MG

Sul

Aline Andersson - Pelotas - RS
Potiara Cremonese - Santa Cruz do Sul - RS

Davi Augusto PS - Santa Terezinha de Itaipu - PR
Paulo Fernandes - Ponta Grossa - PR

Outros Países

Graciela Zeballos - Maldonado, Uruguay
Gustavo Coscarelli - Paris, França
Naiker Dàlmaso - (*Poeta Capixaba*) Oxford, Uk
Trina el Mochuelo - Bucaramanga, Colombia

Veja outras obras:



Antologia Nossa Língua Nossa Gente

Sobre a língua
Portuguesa.

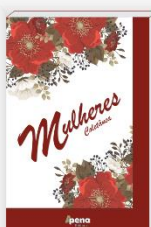
Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea 11.9: 20 anos

Sobre a tragédia do
11 de setembro.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea Mulheres

Homenagem deles e
delas para elas, 8 de
mar. Dia da Mulher.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia As mais Variadas Formas de Amar

Dia dos Namorados.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea Para você Mamãe

Homenagem ao
Dia das Mães.

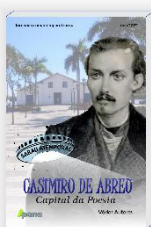
Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea Páscoa

Em comemoração
à páscoa.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia Casimiro de Abreu Capital da Poesia, Sarau Atemporal.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia Natal: Sarau Atemporal

Poetas Atemporais.

Leia grátis.
www.apena.com.br

Todas as Obras estão à venda na Amazon Internacional, nas maiores livrarias ou no site <https://uiclap.bio/apenaeditora>

Alguns Depoimentos...

Mirtes Alves - A Apena Editora é grande incentivadora de novos autores.

Edina de Azevedo - A antologia do livro branco está maravilhosa, magnífica. Parabéns Ainê.

Celina Pereira - Autores de muitos diferentes lugares e com experiências e visões diferentes de mundo se expressando juntos. Belo encontro.

Herlani Moore - Me sinto muito honrada de participar dessa Antologia, desenhada com Palavras que expressam o que sai do profundo dos nossos corações. Gratidão a toda equipe de criação! Parabéns Editora Apena!

Thata Cristina Silva - Participar da antologia Livro Branco foi uma experiência transformadora: abriu portas na minha própria mente e mudou completamente minha perspectiva, fazendo-me acreditar de verdade no meu potencial como escritora.

Tchello Melo - A Antologia Livro Branco é uma louvável iniciativa da Editora Apena. A compilação literária de diversos autores de distintas nacionalidades reflete a amplitude generosa desta obra. Espero que sejam inventadas novas cores para o prosseguimento de mais livros impecáveis como a Antologia Livro Branco.

Potiara Cremonese - É uma honra, uma satisfação e um orgulho para eu participar desta antologia que reúne escritores de diversos lugares, onde cada um com seu jeitinho tem a oportunidade de expressar suas palavras e sentimentos.

Escrever é uma realização. Gratidão Ainê Pena. Vida Longa à Editora Apena.

Jorge Eduardo Magalhães - É um privilégio poder participar desta coletânea da Apena Editora; um trabalho que fomenta a Literatura Brasileira e lança novos nomes dos cânones literários do nosso país. Fico muito feliz com esta iniciativa da Apena Editora e que sirva de inspiração e exemplo para outros futuros trabalhos.

Autorização de Uso de Textos e Imagens

Todos os textos e imagens constantes nesta antologia foram disponibilizadas pelo próprio autor mediante autorização prévia de uso, e enviada por e-mail para *contato@apena.com.br*, para a coordenação desta obra, intitulada *Livro Branco - Autores Contemporâneos*.

Licença de imagem da capa:
© Arte Apena Editora e Freepik.com, 2025

e-mail da Editora: apena.editora@gmail.com

site da Editora: www.apena.com.br

[Leia grátis e participe de outras antologias](#)

Antologia:
Livro Branco - Autores Contemporâneos
Edição Apena
2025

Apena Editora

